

# Público P2



Amnistia Internacional  
Há 56 anos em nome  
dos direitos humanos  
P14 a 19

Roland Garros  
A arte do ténis  
P20 a 23

## Marcelo no Luxemburgo A nobreza, a plebe, os filhos deles e o *chantilly* P4 a 9



# Índice

**4** Tema de Capa  
Marcelo Rebelo de  
Sousa no Luxemburgo

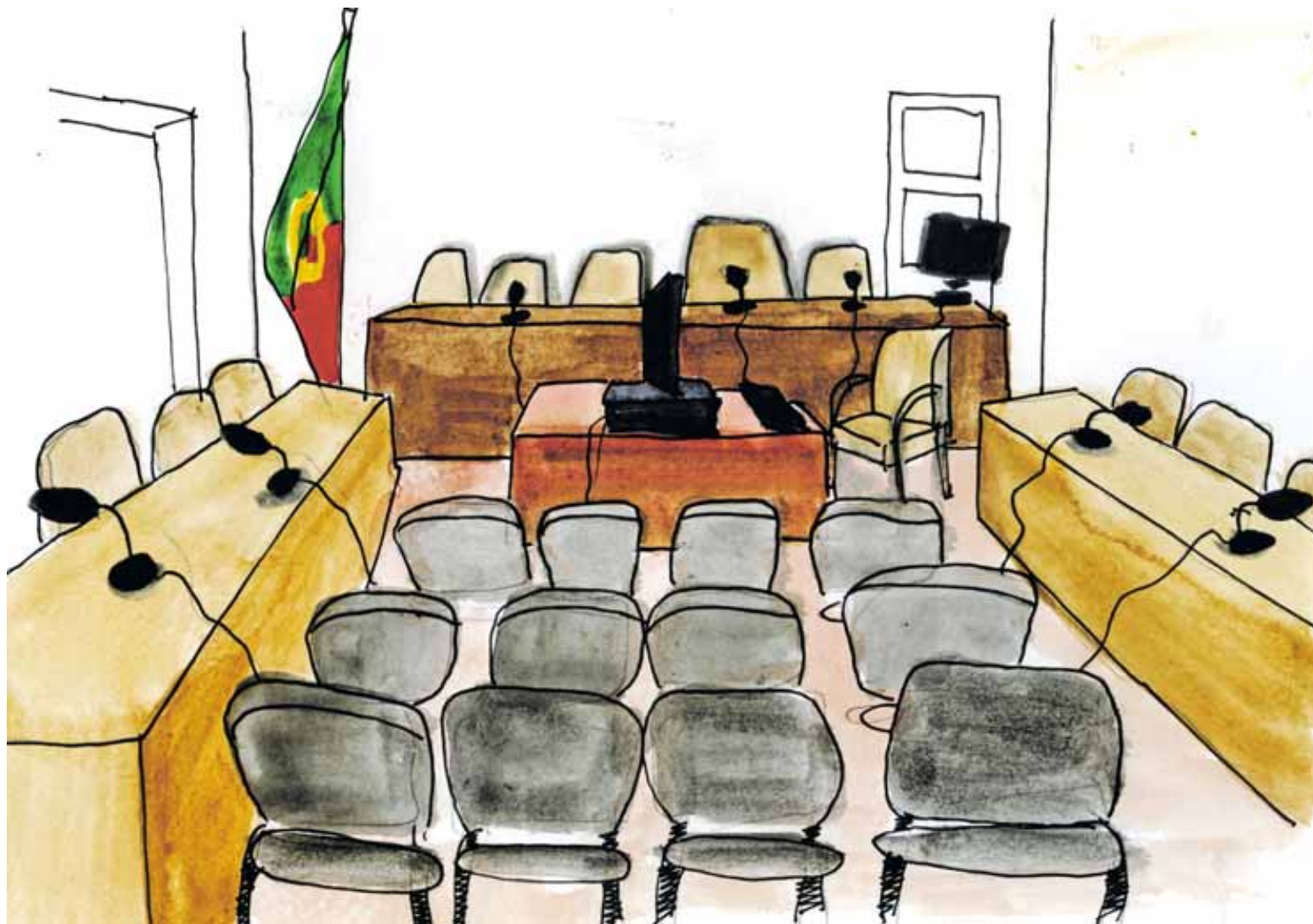
**10** Porque derrete  
a neve no tecto  
desta prisão síria?  
(E será um tecto?)

**14** Amnistia Internacional I  
O texto do advogado Peter  
Benenson que deu origem à  
campanha fundadora da Amnistia

**16**

Ficha técnica **Director** David Dinis **Directora de Arte** Sónia Matos **Editora** Maria Paula Barreiros **Designers** Marco Ferreira e Sandra Silva **Email:** paula.barreiros@publico.pt

## Semana ilustrada *Por Eduardo Salavisa*



Primeiro, as imagens inéditas de um banqueiro, José Oliveira Costa, a ser preso em Novembro de 2008, e o regresso da palavra nacionalização, aplicada ao BPN. O capitalismo tal como o conhecemos esteve à beira da ruptura, com a queda do Lehman Brothers, e o medo de um contágio do BPN a outros bancos levou o então ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, e o governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, a anunciarem em directo o controlo estatal do banco, ligado a grandes figuras do PSD, como Dias Loureiro (o próprio Oliveira Costa foi deputado do PSD e secretário de Estado dos Assuntos Fiscais de Cavaco Silva, que, por sua vez, chegou a ser accionista da SLN, a *holding* do BPN). “Excepcional”, “delicada” e “anómala” foram expressões usadas em 2008 para classificar a situação do banco, mas depressa se juntou outra: “fraude”. Esta semana, oito anos e meio depois do colapso do BPN, a mão da justiça veio condenar o ex-banqueiro a 14 anos de prisão. Fica a frase do juiz Luís Ribeiro: “É impossível fazer justiça em processo célere.”

**Luís Villalobos**

## Palavras, expressões e algumas irritações *Por Rita Pimenta*

### Burla

Palavra com origem castelhana, “burla” traduz-se por “acto ou efeito de burlar, de enganar para tirar proveito ou benefício”. Em direito, corresponde a “crime que consiste em enganar alguém para lhe extorquir quaisquer valores ou para obter lucros”.

Assim, “burlar” é o mesmo que “ludibriar”, “trapacear”. O dicionário dá exemplos de frases como “burlar um cliente” (acontece às vezes) e “burlar os eleitores” (acontece muito).

Por estes dias, a propósito do

BPN e da sentença de Oliveira Costa (14 anos de prisão), o juiz Luís Ribeiro considerou ser esta “a maior burla da história portuguesa”. Explicando tratar-se de um conjunto crimes graves, com início em 2001, e que levaram à ruína da instituição financeira.

“Burlão” ou “burlador” são nomes aplicáveis a quem “burla”. Neste caso, os “acusados de burla, financiamento ilegal aos accionistas e de falsificação de contabilidade” foram 15. Há

“trapaças” que exigem engenho e arte, pelo que só se conseguem em grupo e em teia.

Assim, “Oliveira Costa e os seus colaboradores mais directos terão forjado ‘documentos’ e alterado ‘registos contabilísticos de forma a ocultar e a justificar as suas actuações de apropriação de fundos e de obtenção de ganhos, em particular ocultando o seu benefício e a utilização de contas junto do Banco Insular e do BPN Cayman”, escreveu-se. Os já familiares... paraísos fiscais, onde

se multiplicavam as sedes de sociedades, ajudavam a esconder o rasto do dinheiro.

Num sentido mais antigo, “burlar” também significa “fazer troça”, “escarnecer”, “zombar”. É essa a sensação que fica de cada vez que alguém fala nas dificuldades dos bancos e na necessidade de os financiar.

Logo nos ocorre uma outra palavra pouco actual no uso mas não na prática: “embuste”.

**rpimenta@publico.pt**

**Amnistia Internacional II**  
Infograma com o estado do mundo segundo o relatório de 2016/17

20

**Roland Garros**  
A arte no ténis e o ténis na arte

24

**Televisão** Todos os deuses, algures na América  
**Tecnologia** Gadgets de corrida

30

**Estar Bem**  
Enfrentar a solidão na velhice

31

**Crónica**  
Desculpem, mas o melhor do amor é a rotina

# Instagramar



@katemillerwilson

Eian é uma criança de dez anos e tem uma perspectiva do mundo “mágica e única”, descreveu a mãe ao *Huffington Post*. O filho mais velho da fotógrafa Kate Miller-Wilson tem aquilo que é denominado “autismo altamente funcional” e as suas fotografias retratam a experiência de “amar alguém com autismo”. A norte-americana, residente no Minnesota, considera este conjunto de fotografias um escape criativo e emocional no seu quotidiano com Eian. “Quando nos focamos apenas

nos desafios desta condição, não conseguimos ver a beleza; por outro lado, quando nos centramos apenas nas dádivas, deixamos de conseguir compreender os progressos e conquistas feitos por indivíduos com autismo, pelos seus pais e cuidadores”, explicou. O seu trabalho fotográfico é de natureza emocional, “pretende estabelecer uma relação com o espectador e oferecer um vislumbre sobre todas as matizes que compõem o quotidiano de alguém no espectro [autista]”. Miller-Wilson sente dificuldade

em estabelecer contacto visual com o filho enquanto o fotografa. Para ultrapassar o problema, a fotógrafa cria barreiras visuais entre os dois: vidro, gelo são alguns exemplos. “Existe um ditado dentro da comunidade autista: ‘Se conheceste uma pessoa com autismo, conheceste apenas uma pessoa com autismo’.” Ser pai ou mãe de uma criança com autismo pode ser um verdadeiro desafio. “É normal estar preocupado, zangado ou frustrado ou desesperadamente cansado”, comenta. “[Os pais]

não têm de ser santos. Estes sentimentos tornam a experiência [de educar estas crianças] mais real e permitem-nos apreciar os momentos de felicidade que surgem.” Eian gosta de exposição que as fotografias da mãe têm obtido online. Kate, por sua vez, espera que no futuro estes retratos sejam por ele interpretados como cartas de amor.

➔ **Ver mais em**  
p3.publico.pt



## A seguir

**São muito  
nossas e pertencem  
ao mundo**



*Alfarroba* tinha sabor a Lisboa, a delas, e tinha cheiro de férias no Algarve na adolescência, quando o Verão era para sempre. Esse álbum, o segundo das Pega Monstro, a banda formada em 2010 pelas irmãs Maria (guitarra, voz) e Júlia Reis (bateria, coros), chegou como mais que confirmação. Foi a superação de tudo aquilo que intuimos quando ouvimos aquele rock cru com versos vertidos directamente do quotidiano. Com esse disco, as co-fundadoras do colectivo Cafetra Records mostraram quão inspirador pode ser o nervo rock servido por melodias pop cristalinas e letras desarmantes na sua honestidade. Tanto que, mesmo quem não compreende o que é cantado presta atenção. *Casa de Cima*, o álbum que editam dia 2 de Junho e que será apresentado dia 12 no Jardim do Palácio do Machadinho, na Madragoa, em Lisboa, terá, tal como o seu antecessor, edição pela londrina Upset The Rhythm. Depois das digressões na Europa e no Brasil e do interesse crescente do público e crítica que rodearam *Alfarroba*, *Casa de Cima* chega como novo passo na afirmação da banda. São muito nossas e pertencem ao mundo.

**Mário Lopes**



Os portugueses no Luxemburgo rejeitam a ideia de que sejam uma só comunidade. Dos 100 mil que ali residem, cerca de metade chegou nos últimos 15 anos. Os mais jovens e mais qualificados nem se vêem como emigrantes. A maioria pensa voltar para Portugal, assim haja oportunidade

# Um príncipe no Grão-Ducado

Por Leonete Botelho,  
no Luxemburgo

JOÃO RELVAS/LUSA



vagas, estão no Grão-Ducado como podem estar amanhã em qualquer outro país que lhes dê oportunidade de desenvolver o seu potencial e serem bem pagos por isso. Não gostam da palavra “emigrante”, preferem outras, como “expat” (de expatriado). As palavras também envelhecem com o peso dos estereótipos.

A todos a visita presidencial tentou chegar. Nos primeiros dois dias, no âmbito da visita de Estado, o programa dirigiu-se fundamentalmente às elites culturais e institucionais, portuguesas e luxemburguesas, com passagem pelas ruas embora (quase sempre) à distância exigida pela segurança.

Marcelo encarna a síntese das várias almas portuguesas. Perante o povo, é o homem afectuoso e compreensivo com quem as pessoas mais simples se conseguem identificar e mesmo apreciar. Perante as elites, é o professor universitário distinto e cultíssimo, que fala francês, inglês e alemão com a mesma naturalidade com que disserta sobre literatura, música erudita ou política internacional.

Tanto agradece a David Carreira por animar os mais jovens luso-descendentes da Terra do Gelo como cumprimenta a Orquestra Barroca Casa da Música que deu em sua honra um concerto na sala de música de câmara da Philharmonie, uma das maiores salas de espectáculos do Benelux.

Num caso como noutro, gera romarias, que, com todas as suas diferenças, têm em comum o encanto pela paixão que transmite. Entre a casaca aba de grilo e o vestido comprido do jantar no palácio grão-ducal de terça-feira e os calções e chinelos dos que acamparam em Wiltz de quarta para quinta-feira, há uma identidade lusa e alguns problemas em comum. As duas principais mensagens que trouxe servem tanto a uns como a outros: o apelo à participação política e à inscrição dos seus filhos no ensino da língua portuguesa.

Do primeiro ao último dia, Marcelo Rebelo de Sousa repetiu-os por onde quer que passasse, considerando lamentável que apenas 17 mil portugueses estejam recenseados no Luxemburgo. Na quinta-feira, no encerramento dos Encontros com as Comunidades – um ciclo que o secretário de Estado José Luís Carneiro tem vindo a promover em vários países –, o chefe de Estado atreveu-se a colocar uma meta para o recenseamento que termina a 13 de Julho para as eleições de 8 de Outubro: mais 10 mil inscritos e ele volta até ao fim do ano.

Carlos Pereira Marques, o embaixador luso no Grão-Ducado, estava radiante: “Não podíamos ter cá melhor embaixador que o Presidente da República, o trabalho que ele fez em poucos dias foi absolutamente →

CORTESIA PIPPA HERBERT / CITY SAVVY LUXEMBOURG



## Francisco Sassetti “Não há uma comunidade portuguesa no Luxemburgo, há muitas”

**Viveu quase metade da sua vida no Luxemburgo (dos 4 aos 17 anos). Estudou Musicologia, Gestão de Artes e Política Cultural em Londres e fez o mestrado em Estudos Europeus na Suíça. Viveu em Portugal “por absoluta convicção” entre 2006 e 2012, trabalhou no CCB com Mega Ferreira e dali seguiu para a Filarmónica Jovem de Viena. É programador musical da Philharmonie para as áreas do Jazz e Músicas do Mundo desde 2015. Tem 34 anos**

“Eu sei que não sou o único a dizê-lo: há um clima positivo, optimista em Portugal que é alimentado pela vitória no Europeu de futebol e na Eurovisão, todo o sucesso económico dos últimos meses, pela eleição do secretário-geral das Nações Unidas.

Vivemos um período em que o país estava desanimado, fizemos uma travessia do deserto muito complexa — todos conhecemos alguém que ficou em situação muito difícil —, anos em que houve imensa emigração. Agora, é impossível não estarmos entusiasmados com esta dinâmica e este ambiente muito mais positivo em Portugal e entre os portugueses. Se calhar isso fomenta os sucessos, mas temos também alguma tendência para ser um bocadinho eufóricos.

Não há uma comunidade portuguesa no Luxemburgo, há muitas comunidades diferentes. Tenho conhecido muitas pessoas que vieram nos últimos cinco anos, algumas nos últimos dois anos, e que não tinham qualquer ligação anterior ao Luxemburgo. Vieram trabalhar. E não é porque não tivessem trabalho em Portugal, mas porque era mais vantajoso, fazia sentido para as suas carreiras. Trabalham nas instituições europeias, em bancos, têm formação superior, pessoas na casa dos 30 e 40 anos.

Hoje a emigração portuguesa é muito mais diversificada, tanto é a pouco qualificada como a altamente qualificada, e isso também dá uma imagem muito diferente do país.

Na Philharmonie defendemos que temos de mostrar aquilo que se faz de bom em português, devido à amplitude das comunidades de língua portuguesa no

Luxemburgo. Não só o que se faz em Portugal, mas também no Brasil, em Cabo Verde, países dos quais também há grandes comunidades.

Claro que temos de ter um bom espectáculo de fado, porque atrai muito público — e não só português —, mas também integrar outros géneros menos conhecidos, dentro destas áreas do jazz e das músicas do mundo. Por isso organizámos em Outubro passado — e vamos repetir este ano — o festival Atlântico. É possível que um dia traga Salvador Sobral ao Philharmonie. A irmã, Luísa Sobral, já cá esteve, em 2014, e teve imenso sucesso.

Temos um foco muito específico em alargar a outros públicos, não apenas da música clássica. Mas esse é o lado mais complicado desta actividade: conseguir chegar a pessoas que não têm prática cultural. Não temos ilusões, sabemos que não é por trazer o António Zambujo que todas essas pessoas vêm. A diversificação de oferta procura esbater estas fronteiras psicológicas.

Mas há alguns fenómenos. O Caetano Veloso esteve cá há 15 dias — foi daqui, aliás, que gravou a mensagem de apoio a Salvador Sobral — e a sala estava cheia. O concerto que a Mariza deu em Janeiro esgotou em 40 minutos! Claro que não eram só portugueses, havia muitos luxemburgueses e muito público internacional.

A cidade do Luxemburgo tem 74% de estrangeiros. Os luxemburgueses vivem bem com essa realidade. O país precisa deste *input* regular [de estrangeiros], por vários motivos e a vários níveis. E não é só mão-de-obra sem qualificações. Perceberam que isso é a riqueza do país.”

**S**e as comunidades portuguesas no Luxemburgo são várias e diversificadas e se vão sobrepondo em camadas, como um bolo, a viagem do Presidente da República ao país com maior percentagem de portugueses por habitante — um em cada seis, pelo menos — foi o *chantilly* que uniu todas elas. E a presença constante e sorridente do Grão-Duque em todos os momentos foi a cereja no topo.

Marcelo Rebelo de Sousa chegou com o sol a um país do Norte da Europa, frio e quase sempre sombrio, que há mais de 50 anos é pólo de atracção de portugueses em busca de melhores oportunidades. São já mais de 101 mil com passaporte português, onde não entram os 8000 com dupla nacionalidade, pois estes contam apenas como luxemburgueses.

Metade terá chegado nos últimos 15 anos, de acordo com as estimativas feitas pela revista luso-luxemburguesa *Decisão*, com base no Statec, o índice estatístico do Grão-Ducado e nas sondagens que a universidade local vai fazendo para actualizar os censos feitos em cada década.

Nos últimos cinco anos vieram muitos jovens qualificados que ajudam a mudar o paradigma do emigrante português. Têm expectativas muito diferentes das primeiras

“

precioso e estamos muito gratos por isso.”

Desde logo pelo apelo “constante, directo e assertivo” que fez à participação política ao nível autárquico, nas comunas, onde os portugueses têm capacidade para votar e ser eleitos. “Estamos a falar das eleições locais que são precisamente aquelas que tocam os problemas do dia-a-dia, o ensino, a mobilidade, os serviços locais”, sublinha a diplomata. Noutra frente, porque Marcelo veio dar impulso ao trabalho que vem fazendo. Carlos Pereira Marques chegou em Novembro de 2014 e percebeu as diferenças e as distâncias existentes entre os portugueses residentes no país, tentando estabelecer pontes e diálogos entre todos. Mas também trabalha todos os dias para tentar fazer com que os luxemburgueses tenham uma imagem do que é o Portugal do séc. XXI. “Há uma visão um pouco desequilibrada sobre Portugal, há uma elite que sabe o que de excelente se faz lá e outros que têm uma visão um bocadinho passadista do nosso país. Tenho trabalhado para que haja uma imagem mais real e equilibrada de Portugal”, disse ao PÚBLICO no último dia da visita presidencial.

Feliz estava também José Luís Carneiro, e pelos mesmos motivos. “As autoridades luxemburguesas ao mais alto nível reconheceram publicamente a importância que a comunidade portuguesa tem no domínio da cultura, das artes, da economia, do desenvolvimento social, como também mostraram abertura para algumas preocupações que o Presidente da República sublinhou”, considera o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas.

Mas a maior alegria deste governante foi ouvir os elogios aos compatriotas e partilhar o reconhecimento, tanto dos portugueses como das autoridades luxemburguesas, dos sucessos do país, sobretudo a nível económico-financeiro. “A maior alegria que posso ter enquanto secretário de Estado das Comunidades é sentir que há, da parte dos portugueses que vivem fora do país, um sentimento de pertença a Portugal como senti aqui.”

### O simbólico e o real

Esse sentimento de pertença, no entanto, parece ter um valor pouco mais do que simbólico para grande parte dos portugueses que vivem no Grão-Ducado. A verdade é que o Luxemburgo está com uma taxa de crescimento económico na casa dos 5%, o desemprego ronda os 6% e o salário mínimo é quatro vezes superior ao que se ganha em Portugal: 1998 euros.

Se isso não é pouco, as perspectivas de vir a receber grandes instituições financeiras em fuga da City de Londres por causa do

*Há uma elite que sabe o que de excelente se faz lá [Portugal] e outros que têm uma visão um bocadinho passadista do nosso país*

**Carlos Pereira Marques**

**5%**  
*taxa de crescimento económico*

**6%**  
*taxa de desemprego*

**1998**  
*euros, salário mínimo*

“Brexit” aumentam as perspectivas de futuro de um país que está apostado em tornar-se dos primeiros, depois dos EUA, a registar e explorar asteróides. Para os mais qualificados, abrem-se oportunidades de carreira que não existem em muitos países e estão a anos-luz de Portugal.

Francisco Soares Machado tem 32 anos, um mestrado em Direito e é chefe de gabinete do vice-presidente do Banco Europeu de Investimento. Está no Luxemburgo desde Março de 2015 e veio por razões estritamente profissionais, não tem quaisquer raízes neste país. Considera-se de passagem, mas nunca se sabe. Hoje está aqui, amanhã logo se vê.

Sérgio Amado também. Aos 43 anos, este engenheiro informático formado no Instituto Superior Técnico é desde há seis anos *project manager* (gestor de projecto) na empresa luxemburguesa Sociedade Europeia de Satélites (ESE), uma das três maiores do mundo no género, onde trabalham outros 13 conterrâneos. O mais recente projecto que tem a responsabilidade de pôr de pé é um teleporto, um centro de telecomunicações, uma espécie de estação de radares como o que existe no Qatar.

Antes do Luxemburgo, já viveu em França, Alemanha e Inglaterra e agora poderá ir temporariamente para países como o Kosovo e o Afeganistão, consoante os projectos que tiver em mãos. Regressar a Portugal? “Como qualquer português, eu gosto de Portugal, neste momento temos uma oportunidade que eu gostava de aproveitar, mas a vida abre e fecha portas, se não é uma porta é uma janela, portanto vamos deixar acontecer”, responde.

Uma dessas janelas pode vir a ser o centro de lançamento de satélites que está em estudo para os Açores, cuja ideia Sérgio Amado está convencido de que está no bom caminho. E é esse o caminho: “Portugal, como os outros países, tem de apostar na inovação, na tecnologia e tentar tirar algumas lições de outros países. A SES nasceu num ambiente em que não era provável o seu crescimento e floresceu. Foi uma aposta do Luxemburgo em que ninguém apostaria.”

Sobre o país que o acolheu, diz: “É muito fácil viver aqui”, é uma espécie de “emigração para totós”. Francisco Soares Machado concorda. “Ensina-se português nas escolas, vamos ao supermercado e há produtos portugueses ou escritos em português, na caixa está um português ou fala-se português.”

Para mais, não há fenómenos de exclusão como noutros países, nem movimentos nacionalistas ou xenófobos. O facto de apenas 25% dos residentes na capital serem luxemburgueses



JOÃO RELVAS/LUSA



### Visita

O Presidente da República e Henrique do Luxemburgo em passeio nocturno pela Corniche.

Em baixo, também com a grã-duquesa Maria Teresa, durante a procissão da Nossa Senhora de Fátima, em Wiltz

## Catarina Salgueiro Maia

### “Se todos fizermos um bocadinho por Portugal, Portugal vai para a frente”

“Estou no Luxemburgo há seis anos. Não vim por necessidade, tinha o meu emprego em Portugal, mas não quis afastar o meu filho, que era pequenino, do pai, que tinha vindo para cá trabalhar. Fiquei durante quatro anos, voltei para Portugal — porque o sonho de qualquer emigrante é voltar para o seu país, sem dúvida —, mas não correu muito bem e fiquei apenas sete meses. Foi há dois anos, a crise estava muito acentuada. Aqui tenho o meu emprego, não estou efectiva mas tenho um salário bom, casa, uma vida familiar estável. Encontrei um porto de abrigo. Encontrei fora aquilo que gostava de ter encontrado em Portugal: uma estabilidade financeira que me permite viver e não apenas sobreviver.

Eu sou uma portuguesa desapontada com o meu país. Não com os governantes, mas com aquilo que fizemos, ou não fizemos, por ele. A minha mãe disse-me ontem uma coisa maravilhosa ao telefone: se todos fizermos um bocadinho por Portugal, Portugal vai para a frente. É a realidade. Se todos lutarmos um bocadinho, é tudo mais fácil. Mas eu não sinto isso. Sinto que o povo português reclama, aponta o dedo, mas não faz nada para mudar isso, não é capaz de dar a sua quota-parte para mudar o país.

Os sucessos que temos tido não chegam. Portugal não é feito de campeonatos da Europa nem de festivais da canção — quem ganhou tem todo o mérito, mas precisamos de mais. Precisamos de evoluir noutras áreas. Mostrar que temos uma ciência digna de prémios, precisamos de mostrar que temos escritores fantásticos, cineastas maravilhosos — que temos, mas não são reconhecidos.

Parece que voltámos um bocadinho ao tempo de Salazar — Fátima, futebol e festival, em vez de fado. Portugal não é isso, pelo menos não é só isso. Somos um país riquíssimo em muitas áreas e temos de ser reconhecidos por isso. Se o meu pai estaria desapontado? É difícil responder por ele. O meu pai, como tantos outros, lutou para melhorar o nosso país, lutou por dar aos portugueses aquilo que eles não

**A filha do capitão Salgueiro Maia tem uma veia revolucionária. Apresenta-se como Catarina Maia porque se recusa a tirar benesses de ser filha de um dos líderes militares do 25 de Abril — tal como o pai recusou cargos depois da revolução que ajudou a fazer. Foi candidata nas legislativas pelo Bloco de Esquerda ao círculo da Europa, mas tem pena de que o partido não conte mais com ela. Trabalha num lar de idosos e colabora como voluntária no portal online Bom Dia, um dos maiores meios de comunicação para emigrantes do Norte da Europa, sediado no Luxemburgo. Diz que não é jornalista, mas age como se fosse. Tem 31 anos, três filhos e não pensa voltar tão cedo para Portugal**

souberam manter, que foi a nossa liberdade, a nossa esperança. Talvez ele estivesse desapontado pela falta de iniciativa que temos enquanto cidadãos. Por outro lado, talvez estivesse satisfeito pela meia dúzia de pés-descalços que tentam lutar, que tentam investir no país (mas que muitas vezes têm de sair). Portugal é conhecido pelos portugueses que pegaram nas suas ideias e levaram o nome de Portugal mais além. Isso iria fazê-lo orgulhoso, por ter ajudado a que tal fosse possível. Eu acho que ele não estaria desapontado a 100%, mas, com algumas coisas, sim.

Tinha sete anos quando ele morreu, tenho boas lembranças: lembro-me das festas, de brincar com ele, de irmos para a praia e de me tentar ensinar a nadar. A minha mente bloqueou a doença do meu pai, ele também nunca nos transmitiu que estava a sofrer. Tenho a imagem da última vez que o vi no hospital antes de falecer, é a única lembrança má. O resto é tudo bom. Era um pai maravilhoso.

Eu colaboro com um portal online dirigido para as comunidades portuguesas pela Europa, mas que não é reconhecido — é uma associação sem fins lucrativos e não uma empresa. Nalgumas notícias, chegamos a ter um milhão de visualizações. E agora, com a visita do nosso Presidente, temos tido várias barreiras. Não nos deixaram fazer acreditação e não nos deixaram entrar nos sítios onde ele foi. Não é uma questão política, não somos um meio oposicionista. É verdade que temos muito sucesso e isso pode não agradar a algumas pessoas. Acho que é por questões mais comerciais. Mas a verdade é que fomos impedidos de fazer o nosso trabalho. Afinal, é o nosso Presidente, nós somos portugueses e trabalhamos para portugueses, mas ficamos à porta. É maldade.

Eu estou legalizada, estou recenseada, voto sempre que me é permitido, tanto nas eleições locais no Luxemburgo como nas eleições portuguesas. Eu não deixo de ser portuguesa, não deixo de querer o melhor para Portugal e não deixo de querer que façam o melhor por Portugal. Se ao votar posso contribuir para isso, eu voto.”

JOÃO RELVAS/LUSA



também ajuda a explicar essa abertura. O envelhecimento dos nacionais é tal que o país tem tido sucessivos avisos da UE sobre a sustentabilidade do sistema de pensões, tendo em conta as previsões do crescimento populacional.

Francisco nota que existe a preocupação de receber bem, mas pensa que os méritos também são dos portugueses desde a primeira geração: “São pessoas trabalhadoras, pacíficas e amigáveis. Os luxemburgueses reconhecem que os portugueses têm ajudado a construir este país.”

Por isso, não sobrevaloriza a influência dos recentes sucessos do país na forma como se olha para Portugal. Vê o tema ao contrário: “As várias vitórias - desportivas, culturais, eleição de portugueses para cargos relevantes - fazem com que os portugueses se sintam mais confiantes e olhem para os outros com essa confiança. Mas do ponto de vista dos estrangeiros, não sei se muda muita coisa. Eu acho que a opinião já era boa e continua a ser.”

### O ir, o voltar e o ir voltando

No dia-a-dia, Francisco relaciona-se com muitos portugueses, por escolha e por inevitabilidade. Considera “natural” que as pessoas tentem criar círculos com quem se identifiquem, mas reconhece que, no Luxemburgo, os portugueses estão por todo o lado, sobretudo nos serviços - transportes, restauração, hotelaria.

No seu círculo, as pessoas sentem-se de passagem. “Mas também é verdade que alguns vão mudando a sua expectativa ao longo do tempo, porque é uma terra acolhedora, a integração é fácil e se se tiver um bom trabalho, acaba por se pensar em constituir família e ir ficando.”

Esta nova geração acaba por criar uma outra rede, para não usar a estafada palavra “comunidade”, que se sobrepõe em mais uma camada neste bolo português em que todas se tocam, mas não se misturam. “Raramente se cruzam”, afirma mesmo Marco Godinho, um artista luso-luxemburguês de 39 anos que vive e trabalha entre Paris e Luxemburgo.

“Estes portugueses que vêm com estudos universitários, procuram trabalho de alta qualificação profissional, falam várias línguas e defendem os seus direitos, integram-se directamente no núcleo de pessoas de várias nacionalidades que chegam ao Luxemburgo com as mesmas características profissionais”, acrescenta.

Marco Godinho faz parte de uma outra realidade, a camada do meio deste bolo: a segunda geração. Filho de emigrantes, viveu grande parte da vida no Luxemburgo, onde



CORTESIA RICARDO VAZ PALMA

## João Paulo Carvalho “Sou português, sou luxemburguês”

**Este arquitecto português de 46 anos — Jean-Paul Carvalho, como é conhecido no Luxemburgo — é o exemplo típico da segunda geração de emigrantes portugueses no Grão-Ducado. Embora tenha nascido em Portugal, veio com três anos e fez todo o percurso escolar neste país. O pai trabalhava nas obras, a mãe nas limpezas, mas desde cedo fizeram questão de dar a melhor educação possível aos dois filhos e de os integrar em instituições luxemburguesas. Hoje é um arquitecto de sucesso e o seu atelier é muito mais do que um estabelecimento comercial**

“Quando era pequeno, havia muito estigma sobre portugueses, italianos e espanhóis que demorou muito tempo a esbater-se, mas nunca me senti excluído porque estava muito bem integrado. Só nos últimos cinco a dez anos é que isso começou a mudar. Foi graças à segunda geração, a que hoje está na casa dos 30 anos. Quando começaram a levar os namorados a Portugal, ficaram surpreendidos e impressionados com a modernidade do país, a arquitectura, as artes, a abertura. Hoje já há muitos que vão de férias, porque o país tem muito para oferecer — um amigo meu, francês, vai com a filha aprender surf. Eu todos os anos levo os meus filhos e procuro dar-lhes coisas diferentes: museus, planetário, oceanário, Portugal dos Pequenitos. Agora já são eles que pedem para ir. Gostam muito. Com a crise recente veio também uma nova geração para o Luxemburgo, muito qualificada, que deu outra imagem do país. Médicos, arquitectos, dentistas, engenheiros mecânicos e informáticos. Era bom que se pudesse criar uma ponte na área das tecnologias entre os dois países, há *know-how* para isso. Eu criei um atelier de arquitectura e design de interiores que também tem um objectivo social. Ajudamos os portugueses com menos informação a resolver problemas ligados à habitação. Se uma pessoa quer fazer obras em

casa, por exemplo, e não sabe como lidar com as autarquias, nós ajudamos. Não fazemos por eles, que isso não resolve nada, mas ensinamos a fazer. Queremos ajudar a fazer pontes entre as várias comunidades portuguesas no Luxemburgo. Por exemplo, agora estamos a desenhar o interior de um *snack-bar* onde queremos instalar material de som e vídeo que faça uma aproximação cultural à programação da Philharmonie.

A vinda do Presidente da República é importante e não só pelo valor simbólico. Há sempre coisas concretas que resultam, mas nós aqui temos de trabalhar pela integração, temos de mostrar a nossa cultura e ensinar as nossas crianças a pensar de forma mais aberta, sem fronteiras mentais. O embaixador é um elemento fundamental nesta aproximação, ele é uma pessoa muito activa, com muita energia, promove eventos com actividades culturais de um nível mais elevado para aproximar os portugueses.

Se eu penso voltar para Portugal? Desde pequenino que penso [voltar]. Irei assim que tiver uma oportunidade, ou possibilidades para o fazer. Se puder usar as minhas capacidades em Portugal, uso. Mas sinto-me bem aqui nesta minha dupla condição: sou português, mas também sou luxemburguês.”

Os luxemburgueses começaram a visitar Portugal e descobriram um país contemporâneo e desenvolvido em diferentes níveis

Marco Godinho

Ensina-se português nas escolas, vamos ao supermercado e há produtos portugueses, na caixa está um português

Francisco Soares Machado





CORTESIA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/RUI OCHÓA



CORTESIA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/RUI OCHÓA

estudou antes de frequentar academias de arte em França, Suíça e Alemanha, até concluir o mestrado no Atelier National de Recherche Typographique em Nancy. Como artista conceptual, Marco Godinho está interessado na percepção subjectiva de tempo e espaço, questiona as noções de nomadismo, exílio, experiência, memória e tempo vivido. Na arte como na vida.

Por conhecer as várias “comunidades” constata que a última a chegar – os “expats” – não se mistura com a primeira, mas reconhece que veio mudar mentalidades. “Os luxemburgueses têm a noção cada vez maior de que os portugueses não se limitam aos estereótipos, mas são um povo com múltiplos talentos, um país inovador, com qualidade para alcançar objectivos em todas as áreas.”

Dois factores foram decisivos para essa mudança, acrescenta: o facto de hoje se encontrarem portugueses a trabalhar em todos os níveis da sociedade luxemburguesa, mas também porque “os luxemburgueses começaram a visitar Portugal e descobriram um país contemporâneo e desenvolvido em diferentes níveis”.

Marco Godinho gostaria de voltar para o país onde nasceu: “Neste momento, tudo o que tem que ver com a cultura e arte, por exemplo, está a desenvolver-se a uma rapidez incrível e há muitos artistas estrangeiros a escolherem Portugal para viver. Já tive a oportunidade de expor em importantes lugares de arte em Portugal – Museu Berardo, Museu do Chiado, Fundação EDP



### Multidão

O PR entre as várias “comunidades” de portugueses e com o primeiro-ministro do Luxemburgo, Xavier Bettel

–, mas quando tiver a próxima oportunidade para realizar um grande projecto em Portugal, será talvez a forma de voltar.”

Enquanto isso não acontece, vai voltando. Como fazem tantos outros – emigrantes, luso-descendentes ou “expats” –, que vão a Portugal sempre que possível, nas férias ou andam mesmo “entre cá e lá”. Como Maria Amélia e Maria Helena, duas emigrantes reformadas que o PÚBLICO encontrou na quarta-feira nas ruas da capital para ver o Presidente passar, ao lado dos grãos-duques, entre fortes medidas de segurança.

Maria Amélia é minhota, mas está há 34 anos no Luxemburgo, aqui criou os dois filhos e agora ajuda a criar os netos. Como mantém residência neste país, não se preocupa muito com a dupla tributação da reforma de que se queixam muitos outros – e que trouxe o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais aos Encontros com as Comunidades. “Ando cá e lá, uns meses em cada sítio, depende.”

Maria Helena também. Quarenta e seis anos depois de ter emigrado, vai voltando. E de vez em quando também vai à Bélgica, onde tem uma filha médica. Estava encantada a ver Marcelo Rebelo de Sousa, até trouxe uma bandeirinha de Portugal, o que lhe valeu uma quebra de protocolo do Presidente para lhe dar um beijo. “Vamos ver se isto agora vai para a frente.” “Isto” é Portugal. Agora, mesmo que já seja só para os netos. Não faz mal.

lbotelho@publico.pt

A Amnistia Internacional calcula que pelo menos 17.723 pessoas morreram nas prisões sírias desde o início da guerra civil. É o mesmo que dizer dez pessoas por dia. Muitas morreram na famosa prisão de Saydnaya – a mesma onde os EUA acreditam, agora, que há um crematório

Por Bárbara Reis

# Porque derrete a neve no tecto desta prisão síria? (E será um tecto?)

A prisão síria de Saydnaya, conhecida como o “matadouro” de Bashar al-Assad, está fechada ao mundo. Não há relatos de visitas de inspetores, nem de activistas, jornalistas ou diplomatas. Mas há imagens de satélite e, através delas, olhos treinados fazem uma observação diária do que ali se passa – no exterior, naturalmente.

A vigilância é tão minuciosa que a mais pequena mudança é notada.

Há uns dias, numa conferência de imprensa convocada fora das rotinas, o Departamento de Estado norte-americano anunciou que desclassificara três fotografias da prisão e a seguir distribuiu-as pelos jornalistas. Stuart Jones, um diplomata de carreira que manteve a posição de adjunto do secretário de

Estado para o Médio Oriente na passagem da Administração Obama para a de Trump (agora interino), explicou o que eram aquelas imagens e dirigiu o olhar de todos para o tecto de um pequeno edifício que começou a ser construído no complexo de Saydnaya há quatro anos, a poucos metros do bloco principal da prisão.

As fotografias – até agora classificadas como *top secret* – têm uma tese por trás. O Governo americano apresenta-as como uma “prova” de que Damasco está a cometer crimes contra a humanidade, puníveis pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) de Haia, e que os quer esconder.

Este edifício do segundo bloco de Saydnaya é um pequeno anexo contíguo ao muro que fecha o pátio criado pelo “L” do edifício de quatro andares, onde se imagina que haja celas. Juntos, os dois “L” desenham um quadra-

do com dois lados altos e dois lados baixos. Foi para o anexo colado ao muro baixo que Stuart Jones pediu atenção.

Olhando de relance e sem pensar, imaginamos que o chão está coberto de areia. Mas o cinzento das imagens de satélite esconde o que, segundo os EUA, é branco puro de neve. Uma das imagens agora desclassificadas é de Janeiro de 2017 e é considerada decisiva. Tudo branco, menos quatro áreas que estão, em notório contraste, cobertas de um tom preto bem nítido.

É desse o tom preto que nasce a teoria norte-americana sobre o que se passa na prisão de Saydnaya.

Segundo Stuart Jones, as imagens deste anexo que foram captadas três anos antes (a 13 de Agosto de 2013) mostram “a fase de construção” do edifício e por isso revelam pormenores que ficam escondidos no fim

das obras, entre os quais as “instalações de aquecimento, ventilação e ar condicionado, o tubo de escape, a provável parede corta-fogo e a provável entrada de ar”.

Por saber que Saydnaya é o “matadouro” de Assad e por acreditar que ali haverá 50 a 100 execuções por semana – por semana, não é gralha –, a Administração americana considera “plausível” que o rectângulo negro seja o tecto de um crematório. “Neste momento, acreditamos que o regime sírio instalou um crematório no complexo penitenciário de Saydnaya, onde os restos mortais dos detidos poderiam ser destruídos sem deixarem muitos indícios”, disse Stuart Jones.

A Amnistia Internacional acredita (e os EUA também) que, entre 2011 e 2015, foram enforcados em Saydnaya pelo menos 13 mil pessoas, a maioria dos quais civis que se opunham ao regime de Damasco. “Se há este nível →

## Três imagens que sustentam a tese da Administração Trump



### Prisão militar Saydnaya



## Os métodos de tortura mais frequentes segundo as testemunhas da HRW



### Shabeh

Os presos são suspensos do tecto pelos pulsos e espancados: “Eles diziam-me para confessar. Fiquei pendurado uma hora e meia.”



### Falaga

Os pés são amarrados e as solas espancadas com paus e chicotes até a pele sair; o preso não consegue andar durante alguns dias.

de produção de assassinatos em massa, usar o crematário ajudaria”, disse Jones. Quando se olha para a imagem do mesmo anexo em Janeiro de 2015, “vemos a neve derretida no telhado que indicaria um crematário”. A ideia é que, “apesar de muitas atrocidades do regime terem sido bem documentadas, a construção de um crematário é um esforço para encobrir a extensão dos assassinatos em massa que ocorrem na prisão de Saydnaya”.

Perante isto, um jornalista perguntou:

– Ou é apenas uma parte mais quente do prédio, certo?

– Possivelmente –, responde Jones.

Não é evidente que a tese norte-americana esteja correcta. É até fácil ver no negro do suposto tecto onde a neve derreteu outras hipóteses para além da de um crematário.

O negro pode simplesmente ser uma sombra, se, em vez de um tecto, aquele rectângulo for um vazio. Observando com atenção, o negro do que é identificado como um “tecto” é exactamente igual ao rectângulo negro que está imediatamente acima – e criado pela sombra do muro baixo. Do mesmo modo que é igual ao negro criado pela sombra do braço noroeste do edifício mais alto. A mancha escura é irregular porque a sombra acompanha a forma da neve – e a neve é irregular. Isso é também o que acontece à sombra maior no pátio interior da prisão, cuja forma não é rectilínea.

A Administração Trump sabe que há muitas perguntas que ficam por responder. Por exemplo: como é que o Departamento de Estado tem a certeza de que é um tecto? Não pode ser uma sombra? Como é que sabem que o tecto é preto? Foi pintado ou é coberto por um material preto? Têm fotografias onde se vêem as cores dos outros tectos? E também são pretos? As coberturas dos edifícios novos na Síria costumam ser pretas? Há fotografias da cobertura do edifício em causa na Primavera? A cobertura da metade contígua, que no Inverno fica branca, também é preta quando não há neve? Como se explica a imagem de satélite tirada em Abril de 2017, onde se vê branco na área que em Janeiro de 2015 está preto?

Perante estas dúvidas, Katherine Caro, do gabinete da porta-voz do Departamento de Estado, respondeu ao P2 apenas que, “no momento, não há mais informação para partilhar”. Do mesmo modo que, depois de apresentar a tese, Jones respondeu apenas a duas ou três perguntas dos jornalistas.

Que não haja confusão. Ninguém duvida que o regime de Assad comete – diariamente – atrocidades passíveis de serem julgadas no TPI. Ou que o regime é capaz de construir um crematário para se desfazer do excesso de corpos das suas prisões. É mais seguro reduzir os corpos a cinzas do que enterrá-los em valas comuns (apesar de os



### Dulab

Os presos são dobrados dentro de um pneu e, enquanto mal conseguem respirar, são espancados com bastões e chicotes.



### Choques eléctricos

“Não confessei e então um disse: ‘Tragam-me a electricidade.’ Puseram-me uma ficha eléctrica na boca e outra nos pés e ligavam e desligavam.”



### Espancamentos

Disse uma testemunha: “Estavam 20 agentes de segurança à nossa espera. Éramos dez em fila. Eles espancaram-nos e fomos caindo um a um.”



### Basat al-reeh

Com os corpos só presos a tábuas unidas por dobradiças, os pés são levados até à cabeça, esticando os músculos e forçando as articulações.

crematórios não eliminarem os esqueletos, apenas a carne).

Mas todos se lembram ainda da frase que Colin Powell disse perante o Conselho de Segurança das Nações Unidas, a 5 de Fevereiro de 2003, no início do seu longo (e histórico) discurso sobre o Iraque: “Meus colegas, cada declaração que vou fazer hoje está apoiada em fontes, fontes sólidas. Não se trata de assunções. O que vos vamos dar são factos e conclusões baseadas em *intelligence* sólida.”

A própria Amnistia Internacional mantém uma prudente distância em relação à tese do crematário. Mas diz, através do seu director de comunicação em Portugal, Paulo Fontes, que, “apesar de a Amnistia não ter podido analisar de forma independente as fotografias divulgadas pelo Departamento de Estado, nem o uso de crematórios para destruir corpos na prisão de Saydnaya, as declarações do Departamento de Estado tornam ainda mais vital que a Rússia e os EUA exerçam pressão sobre o Governo sírio para garantir o acesso de monitores independentes para investigarem as condições em Saydnaya e em todas as outras prisões na Síria”.

São fortes as razões para um escrutínio internacional, documentadas em vídeos e relatórios impressionantes. Além dos relatos dos (poucos) sobreviventes de Saydnaya, há as fotografias de “César”, nome de código do antigo fotógrafo da polícia militar síria que, antes de desertar, conseguiu enviar para o exterior 50 mil fotografias de vítimas de maus tratos e presos mortos, muitos deles em Saydnaya. O Human Rights Watch disse que as fotografias de “César” eram genuínas depois de uma investigação de nove meses (entrevistou 37 antigos prisioneiros que viram prisioneiros morrer à sua frente, quatro desertores que trabalhavam em prisões e hospitais militares sírios, peritos forenses e familiares de desaparecidos). Em 2014, “César” testemunhou numa audição no Congresso americano com a cabeça coberta por um lenço azul. “As declarações feitas pelo Departamento de Estado evocam de forma arrepiante os horrores que a Amnistia documentou no relatório *Human slaughterhouse: Mass hangings and extermination at Saydnaya Prison, Syria*, de Fevereiro, no qual foi revelada a existência de uma campanha de execuções extrajudiciais com enforcamentos maciços e políticas de extermínio em Saydnaya”, diz Paulo Fontes.

Com a Forensic Architecture, uma agência de investigação forense com base na Goldsmiths, Universidade de Londres, a Amnistia reconstruiu um modelo 3D interactivo da prisão de Saydnaya. O crematário não faz parte da reconstituição. Mas ajuda a perceber que é possível.



# Junho é o mês dos Vinhos de Portugal no Brasil

Nove sessões de mercado de vinhos e quase 20 provas em cada cidade.

Os bilhetes já estão à venda para os maiores eventos de vinhos portugueses no Brasil.

De 2 a 4 de Junho, no CasaShopping, no Rio de Janeiro, e de 9 a 11 de Junho, no JK Iguatemi em São Paulo.

**INFORMAÇÕES E BILHETES**  
[www.vinhosdeportugal2017.com.br](http://www.vinhosdeportugal2017.com.br)

**COMPRE JÁ**  
**Agora também em São Paulo**  
**GARANTA O SEU LUGAR**

#### REALIZAÇÃO



#### APOIO



#### PARCERIA



#### PATROCINADORES



A 28 de Maio de 1961, há precisamente 56 anos, o jornal *The Observer*, do Reino Unido, publicava um artigo do advogado Peter Benenson, com o título *The forgotten prisoners*. O artigo chama a atenção para as pessoas perseguidas e presas pelas suas opiniões políticas ou religiosas contrárias às dos seus governos. Benenson apela aos leitores para que escrevam aos líderes e instituições desses países para respeitarem e defenderem os direitos básicos dos seus cidadãos. A iniciativa, chamada Apelo por Amnistia, 1961, teria a duração de um ano e o

# Os prisioneiros esquecidos

Por Peter Benenson

**A**bra o jornal em qualquer dia da semana e encontrará uma notícia de um qualquer lugar no mundo sobre uma pessoa a ser presa, torturada ou executada por as suas opiniões ou religião serem inaceitáveis para o seu governo. Há vários milhões de pessoas assim nas prisões – de modo nenhum, todas atrás da Cortina de Ferro ou da de bambu – e esse número continua a aumentar. O leitor de jornais sente-se impotente. Porém, se esses sentimentos de indignação por todo o mundo pudessem unir-se numa acção comum, poder-se-ia fazer algo eficaz.

Em 1945, os membros fundadores das Nações Unidas aprovaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Artigo 18.º – Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

Artigo 19.º – Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que im-

plica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

Não existe actualmente uma forma segura para apurar quantos países permitem aos seus cidadãos o gozo destas duas liberdades fundamentais. O que importa não são os direitos consagrados na Constituição, mas sim se podem ser exercidos e são feitos cumprir na prática.

Há uma tendência crescente em todo o mundo para disfarçar os verdadeiros motivos pelos quais os “não conformistas” são presos. Mas os governos não são, de maneira nenhuma, insensíveis à pressão da opinião que lhes é externa. E quando a opinião mundial se concentra num ponto fraco pode, por vezes, ter sucesso em fazer um governo ceder.

## Escritório em Londres para recolher factos

O importante é mobilizar a opinião pública rápida e amplamente, antes que um governo se enrede na espiral viciada que foi criada pela sua própria repressão e enfrente uma iminente guerra civil. Aí, a situação ter-se-á tornado demasiado desesperada para o governo fazer

concessões. A força da opinião pública, para ser eficaz, tem de ter uma base ampla, internacional, não sectária e envolvendo todos os partidos políticos.

É por isso que lançamos o Apelo por Amnistia, 1961. Esta campanha, que começa hoje [28 de Maio], resulta da iniciativa de um grupo de advogados, escritores e editores em Londres, que partilham a convicção fundamental expressa por Voltaire: “Repudio as tuas opiniões, mas daria a vida pelo teu direito de as expressares.” Abrimos um escritório em Londres para coligir informação sobre os nomes, os números e as condições daqueles a que decidimos chamar “prisioneiros de consciência” e que definimos como: “Qualquer pessoa que esteja fisicamente restringida (na prisão ou de outra maneira) de expressar (em qualquer forma de palavras ou símbolos) qualquer opinião que honestamente tenha e que não defenda nem permita a violência pessoal.” Excluimos também quem conspire com governos estrangeiros para depor o seu próprio. O nosso escritório fará, de tempos em tempos, conferências de imprensa para captar a atenção para os prisioneiros de consciência seleccionados imparcialmente de diferentes partes do mundo. E prestará informação factual a qualquer grupo, existente ou novo, em qualquer parte do globo, que decida juntar-se

ao esforço especial de defesa da liberdade de opinião e de religião.

Em Outubro será publicada uma edição especial da Penguin, intitulada *Persecution 1961* [Perseguição 1961], que integra a nossa campanha de amnistia. Nela estão contidas histórias de nove homens e mulheres, de diferentes partes do mundo, de variadas convicções religiosas e políticas, que sofrem em encarceramento por terem expressado as suas opiniões.

Uma dessas histórias é sobre a brutalidade revoltante com que o maior poeta de Angola, Agostinho Neto, foi tratado antes de os distúrbios naquele país terem irrompido. O dr. Neto era um dos cinco médicos africanos em Angola. Os seus esforços para melhorar os serviços de saúde para os seus conterrâneos africanos eram inaceitáveis para os portugueses. Em Junho do ano passado, a polícia política marchou até sua casa, chicoteou-o em frente da família e, depois, levou-o contra vontade. E desde então encontra-se na prisão, nas ilhas de Cabo Verde, sem acusações nem julgamento.

E, da Roménia, publicamos a história de Constantin Noica, o filósofo, que foi condenado a 25 anos de prisão porque, apesar de “retirado para o campo”, amigos e alunos continuaram a visitá-lo para o ouvir falar sobre filosofia e literatura. Este livro conta também o que acon-

sucesso da campanha dependeria da mobilização da opinião pública. Poucos dias após a publicação deste artigo, que o P2 apresenta numa versão editada, foram recebidas cartas de encorajamento à campanha vindas de todos os quadrantes da sociedade. E um ano depois a Amnistia publicava o seu primeiro relatório expondo a situação de 210 prisioneiros e 1200 casos de atentados aos direitos humanos. Nas páginas que se seguem apresentamos o actual estado do mundo em 159 países analisados no relatório de 2016/17



teceu ao advogado espanhol Antonio Amat, que tentou construir uma coligação de grupos democráticos e que se encontra na prisão sem julgamento desde Novembro de 1958. E fala ainda de dois homens brancos perseguidos pela sua própria raça por advogarem que as raças de cor devem ter direitos iguais – o norte-americano Ashton Jones e o sul-africano Patrick Duncan.

#### “Descubra quem está na prisão”

A técnica de divulgar as histórias pessoais de prisioneiros com convicções políticas contrastantes é nova. E foi adoptada para evitar o destino de campanhas de amnistias anteriores que frequentemente se concentraram mais em publicitar as perspectivas políticas dos prisioneiros do que em objectivos humanitários.

E como podemos apurar o estado da liberdade no mundo hoje em dia? O filósofo norte-americano John Dewey disse: “Se quiser formar uma ideia sobre uma sociedade, descubra quem está na prisão.”

Este é um conselho difícil de seguir, porque são poucos os governos que acolhem bem perguntas sobre o número de prisioneiros de consciência que mantêm nas prisões. Mas um outro teste à liberdade que se pode fazer

*A experiência mostra-nos que os governos vão apenas na direcção a que a opinião pública os conduz*



é o de apurar se é permitido à imprensa criticar o governo. Outro teste à liberdade é o de saber se os governos permitem a existência de oposição política. E um outro teste ainda é o de saber se aqueles que são acusados de ofensas contra o Estado têm julgamentos céleres e públicos em tribunais imparciais.

A forma mais rápida de trazer alívio aos prisioneiros de consciência é torná-los conhecidos e especialmente entre os seus conterrâneos. Com a pressão de nacionalismos emergentes e as tensões da Guerra Fria, é mais do que certo que haja governos que são levados a adoptar medidas de emergência para proteger a sua existência.

É crucial que a opinião pública insista que essas medidas não sejam excessivas, nem prolongadas para além do momento de perigo. Se a emergência durar por muito tempo, então um governo deve ser induzido a libertar os seus opositores das prisões, para que possam encontrar asilo noutros países.

Este é um ano particularmente apropriado para uma campanha de amnistia. É o centenário da tomada de posse do presidente Lincoln e do princípio da Guerra Civil que culminou com a libertação dos escravos norte-americanos; é também o centenário do decreto que emancipou os servos russos. E, há cem anos, o orça-

mento de [William Ewart] Gladstone anulou as opressivas taxas sobre os jornais e, assim, alargou o alcance e a liberdade da imprensa.

O sucesso da campanha Amnistia, 1961 depende do quão penetrante e poderosamente for possível mobilizar a opinião pública. Depende também de a campanha abranger todos na sua composição, ser internacional no seu carácter e politicamente imparcial na sua orientação.

É bem-vindo qualquer grupo determinado em repudiar a perseguição, independentemente de onde esta ocorra, quem seja o responsável ou quais sejam as ideias reprimidas.

Mas a experiência mostra-nos que, nestes assuntos, os governos vão apenas na direcção a que a opinião pública os conduz. A pressão da opinião pública há cem anos trouxe a emancipação dos escravos. É altura, agora, para a humanidade insistir na exigência da liberdade de pensamento, tal como conquistou a liberdade do corpo.

**Versão editada do artigo de Peter Benenson originalmente publicado, a 28 de Maio de 1961, no *The Observer*. A respectiva tradução para a língua portuguesa é uma cortesia da Amnistia Internacional Portugal**

Infografia é uma representação gráfica que promove a compreensão mais imediata de um tema, sem excluir diversos níveis de leitura

# À Luz da Amnistia

“Melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão” é o slogan da Amnistia. Mais vale uma acção, por pequena que seja, do que só reclamar sobre o problema e nada fazer para o resolver. Porque a mudança começa com a divulgação dos factos, todos os anos a Amnistia Internacional publica um relatório que documenta o estado do mundo em matéria de violações dos direitos humanos quaisquer que sejam e onde quer que eles aconteçam. *Por Célia Rodrigues*

O primeiro relatório anual, publicado em 1962, divulgava a situação de 210 prisioneiros e 1200 casos registados. O relatório de 2016/17 estende-se ao longo de 400 páginas em que, país a país, 159 no total, se descreve a situação observada face aos direitos humanos nos mais diversos âmbitos: abolição da pena de morte; direitos das mulheres, dos refugiados; discriminação de género, de orientação sexual e de identidade; detenções arbitrárias, execuções ilegais; liberdade de opinião, etc. Os dados divulgados são apenas os registos confirmados pelas secções da AI e em muitos casos não representam a realidade que se vive nesses países. Para facilitar a compreensão dos dados,

agrupámos o conjunto de violações ou abusos mais referidos por “semelhança dos actos e do efeito sobre as pessoas”, salvaguardando desde já a injustiça das comparações. Não havendo números exactos para a maioria dos casos, pensámos numa apresentação cruzada que permitisse ver e compreender onde mais se sofre e porquê. Nos casos contabilizados, quando há números elevados, menções a abusos recorrentes ou resultantes em mortes, usámos uma cor mais forte. Para uma leitura mais imediata, apresentamos gráficos com outros dados do relatório e mapas que permitem identificar as zonas de maior e menor incidência dos direitos violados.

Relatório 2016/17  
Amnistia Internacional

LEGENDA  
intensidade da cor  
vs Incidentes registados

Muitos incidentes registados  
ou casos com pelo menos uma morte

Poucos incidentes ou registos  
mas sem quantificação e sem mortes

MORTES

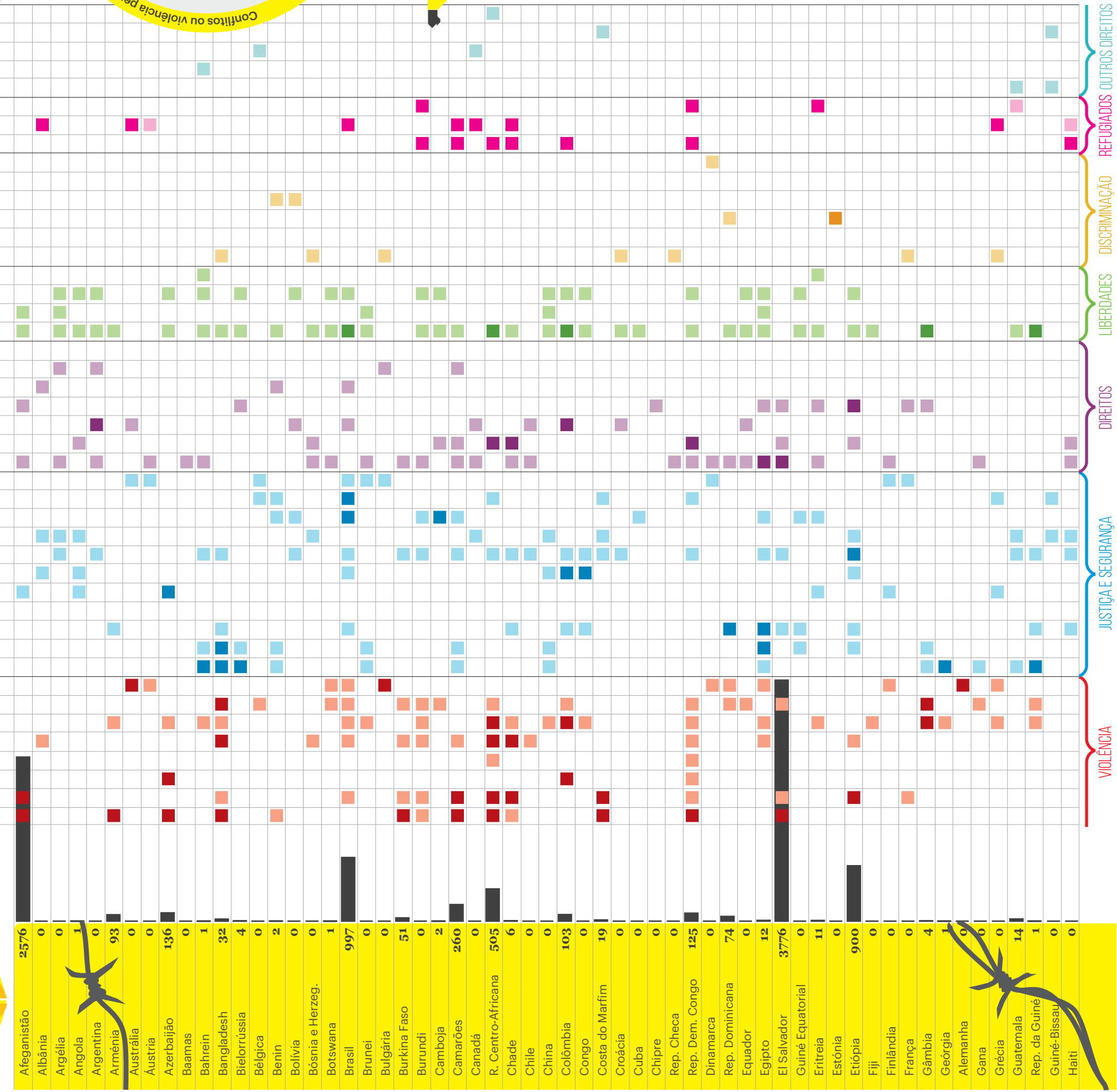
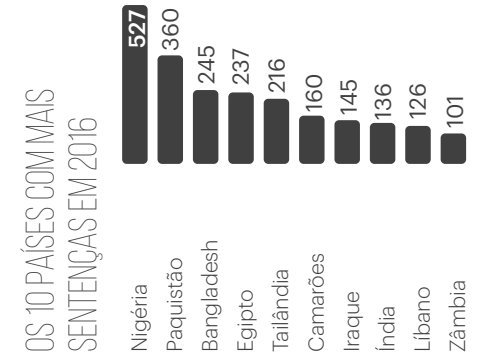
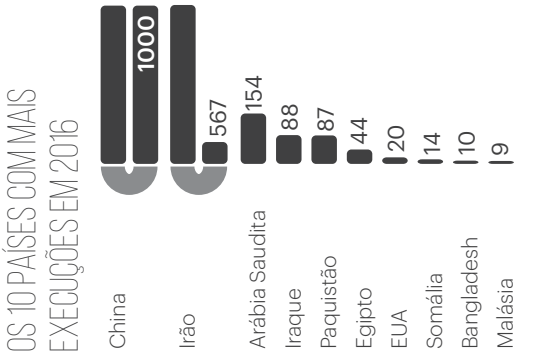
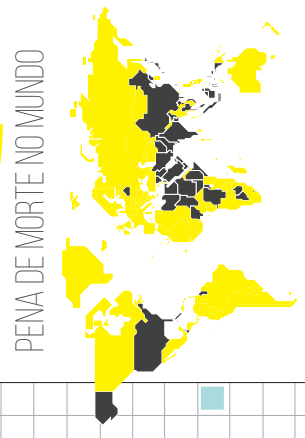
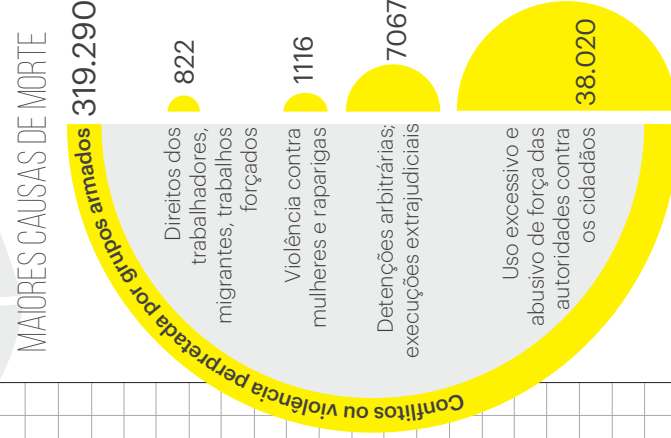


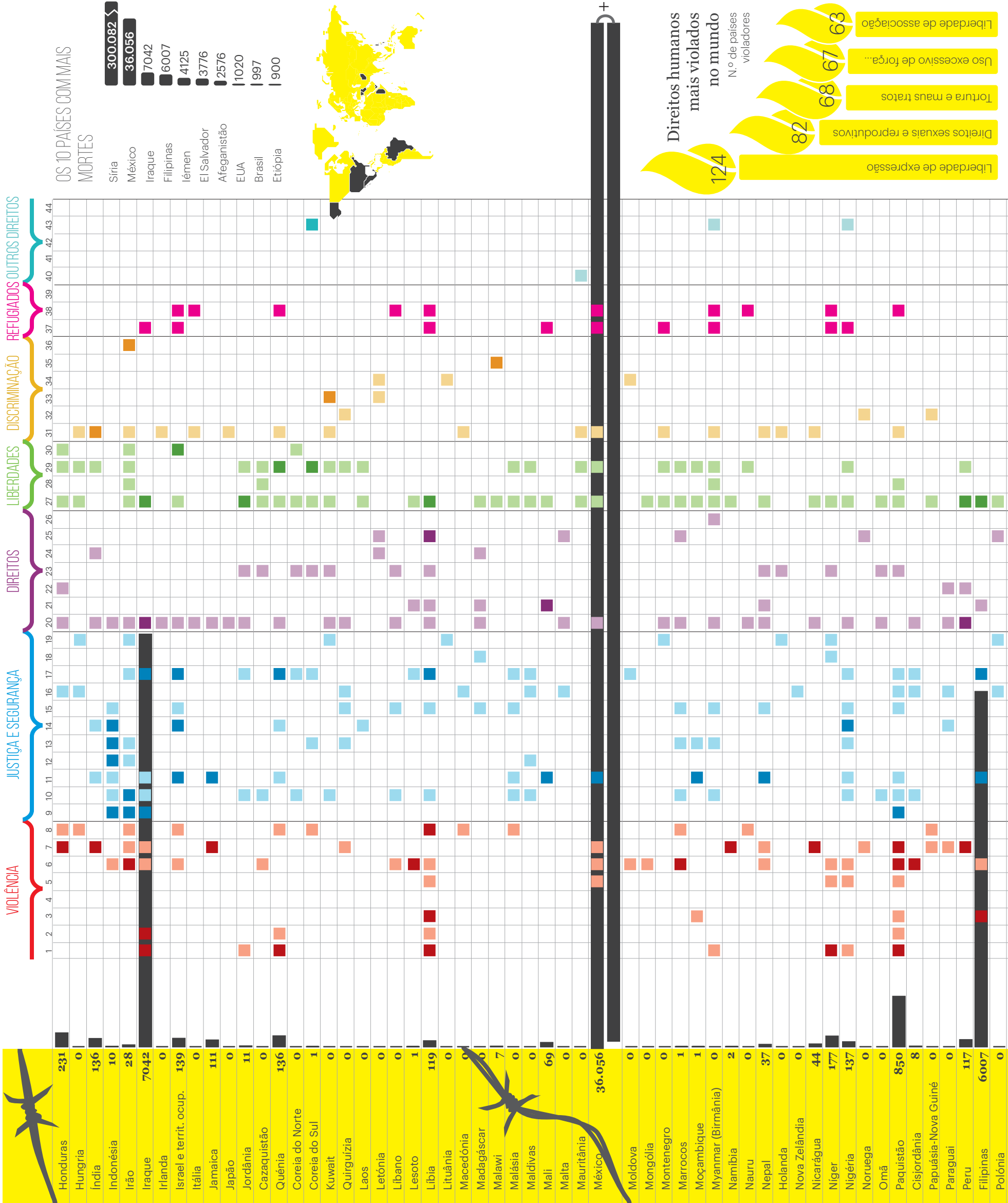
Saliil Shetty  
Índia

Secretário-geral desde 2010

Activista contra a pobreza e a injustiça de longa data. Antes de se juntar à Amnistia Internacional foi director da campanha Millennium, das Nações Unidas, entre 2003 e 2010. Antes disso foi director executivo da ActionAid, de 1998 a 2003.







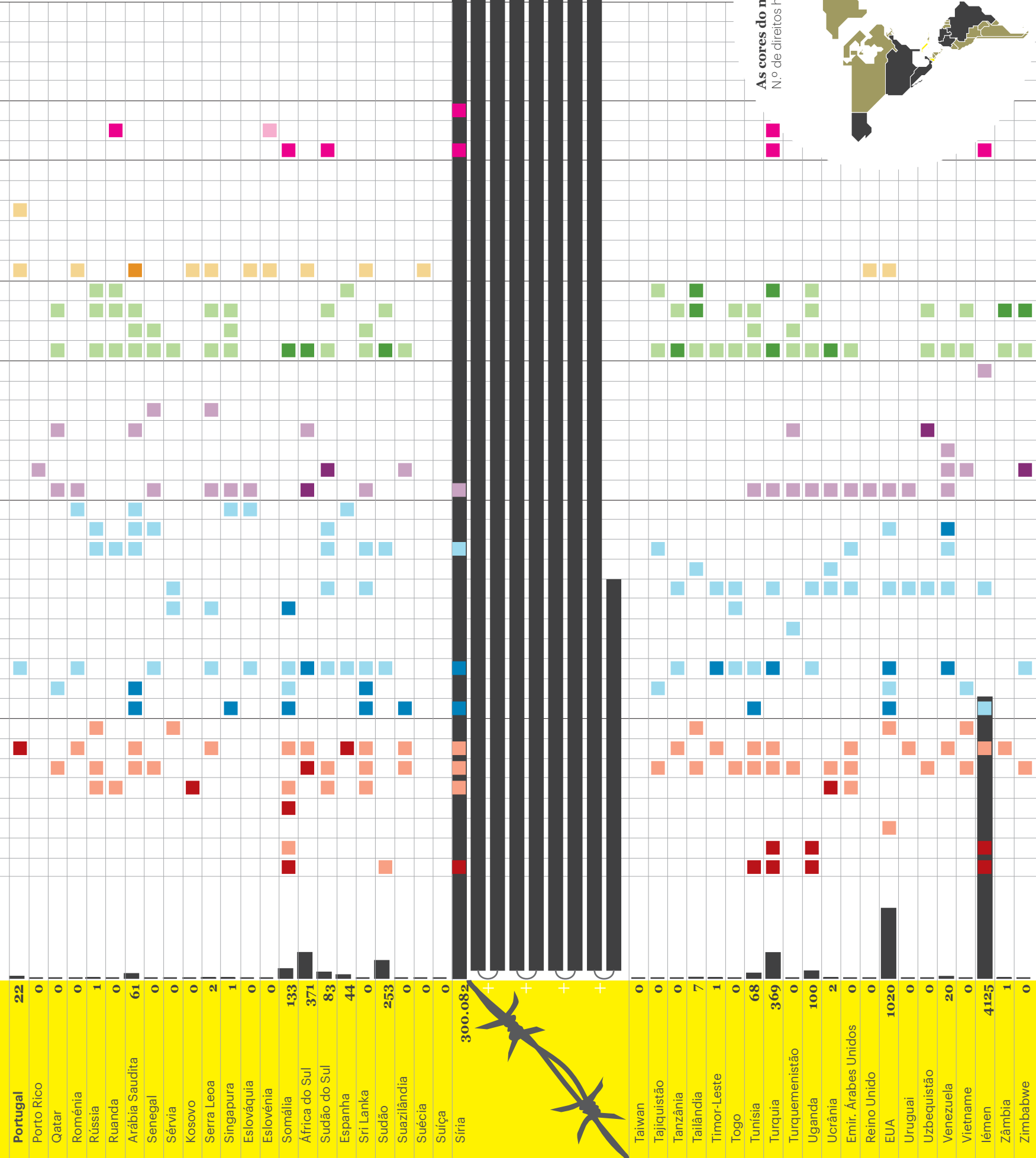
**PORTUGAL**

Violência contra mulheres e raparigas

**22** Mulheres mortas  
**23** Tentativas de assassinio

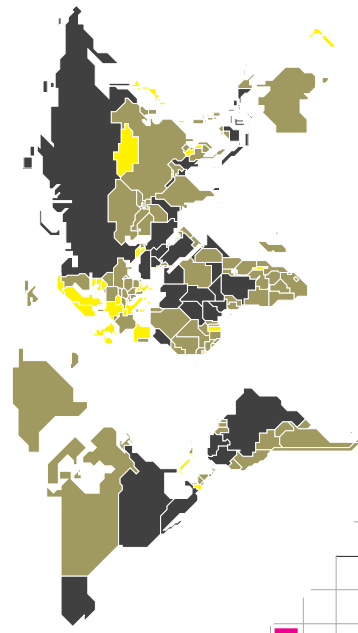
Uso excessivo de força das autoridades

**13** prisioneiros foram espancados pelos guardas prisionais na prisão da Carregueira. Três deles necessitaram de tratamento hospitalar



**As cores do mundo segundo o relatório**  
N.º de direitos humanos mencionados por país 2016/17

● Até 3 ● 4 a 10 ● ≥11



Número de países com referência a cada abuso: **38 14 10 3 32 68 62 27 27 33 67 3 13 19 57 22 44 18 18 82 20 15 24 10 8 3 124 16 63 15 38 3 3 6 2 1 25 18 4 1 1 3 3 1 9**

**254**  
VIOLENCIA

**321**  
JUSTIÇA E SEGURANÇA

**162**  
DIREITOS

**218**  
LIBERDADES

**53**  
DISCRIMINAÇÃO

**47**  
REFUGIADOS

Conjunto de violações ou abusos mais referidos por "semelhança dos actos e do efeito sobre as pessoas":

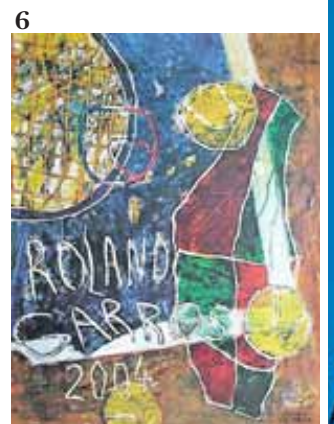
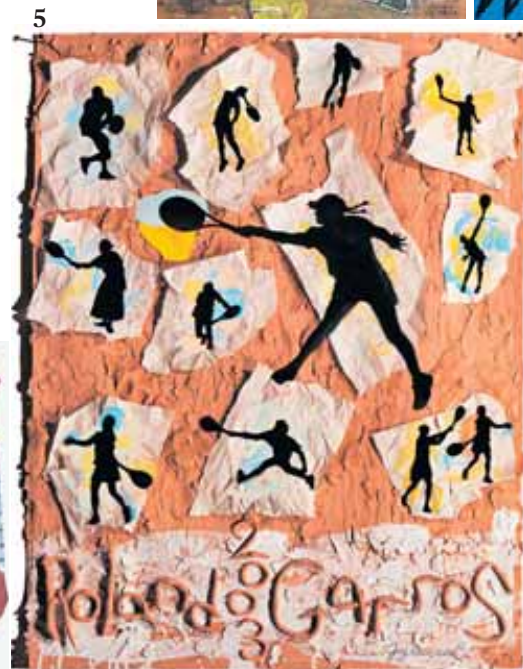
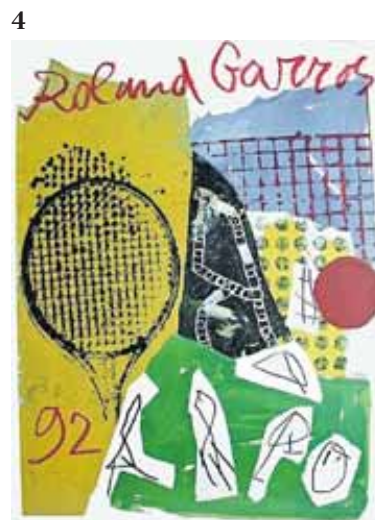
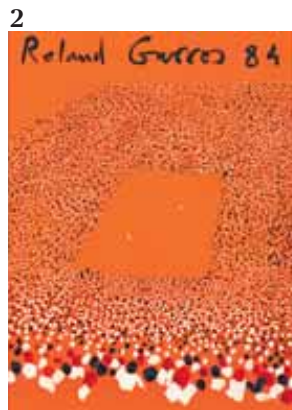
**OUTROS DIREITOS**

Consultar o relatório completo em:  
<https://www.amnesty.org/en/countries/>

A história do Torneio de Roland Garros nos últimos 37 anos também se conta através dos cartazes oficiais, numa aliança entre a arte contemporânea e o ténis. O torneio francês do Grand Slam começa hoje

Por **Pedro Keul**

# Arte no ténis e ténis na arte





1 Du Zhenjun, primeiro artista chinês convidado (2015) 2 Gilles Aillaud (1984) 3 Jacques Monory (1985) 4 Jan Voss (1992) 5 Jane Hammond, primeira mulher artista a ser convidada (2003) 6 Daniel Humair (2004) 7 Valerio Adami (1980) 8 Jean-Michel Folon (1982) 9 Sean Scully (2001) 10 Claude Garache (1990) 11 Jaume Plensa (2005) 12 Antoni Tàpies (2000) 13 Antonio Seguí (1999) 14 Barthélémy Toguo (2011) 15 Eduardo Arroyo (1981)



Desde 1980 que um artista é convidado a criar uma imagem original para o Torneio de Roland Garros, uma das quatro mais importantes provas de ténis, que se realiza anualmente em Paris. Ao longo de quase 40 anos, muitos têm sido os artistas que transmitiram a sua visão de um evento e de uma modalidade, através das mais variadíssimas formas plásticas e universos criativos.

O torneio teve a sua primeira edição internacional em 1925, quando ainda se realizava no Racing Club de France, em Paris. Três anos mais tarde, a prova radicou-se no Bosque de Bolonha, no novíssimo estádio Roland Garros – em homenagem ao aviador francês, autor da primeira travessia aérea do Mediterrâneo, em 1913, e abatido, cinco anos mais tarde, durante a I Grande Guerra – erguido igualmente para acolher as eliminatórias da Taça Davis, a competição disputada anualmente por países.

Em 1978, durante a fase de reconstrução e modernização do estádio, percebeu-se que seria necessária uma identidade visual. Daniel Lelong, director da galeria com o seu nome e apaixonado pela modalidade, propôs à Federação Francesa de Ténis (FFT) encomendar a concepção do cartaz oficial a um artista contemporâneo de renome. O artista, escolhido pelo próprio galerista, teria carta branca para criar a imagem, tendo apenas de obedecer ao formato – “imagem ao alto” – e incluir o nome do torneio e o respectivo ano. A FFT reserva-se o direito de recusar a proposta caso esta infrinja convicções políticas ou religiosas ou contenha elementos que possam ser adversos para a reputação do torneio.

“O cartaz sempre teve a capacidade de imortalizar no tempo um acontecimento. Muito ra-

pidamente, somos transportados para o imaginário, por exemplo, dos filmes, em que a peça ‘cartaz’ era claramente extensão do grande ecrã e que nos remetia para o imaginário da interpretação do artista/designer. Porque na verdade falávamos do valor acrescentado de não ter apenas o desmembramento de um *frame* do filme ou de uma qualquer apropriação da figura do actor/actriz principal. Fazemos a ponte com a realidade actual: quem consegue descrever de memória algum cartaz que tenha visto ultimamente? Foram encontradas ‘soluções matemáticas’ que anulam o imaginário e reduzem o cartaz a uma peça de comunicação de curta sobrevivência”, frisa Sérgio Alves, designer do multipremiado Atelier d’Alves (vence-

1 Cartaz do ano passado de Marc Desgrandchamps

2 O cartaz oficial deste ano, assinado pelo brasileiro Vik Muniz

3 Hervé Télémaque (1998) 4 Hervé Di Rosa (2012)

5 Jean le Gac (1993) 6 Pierre Alechinsky (1988) 7 Kate Sheperd (2007) 8 Antonio Saura (1997) 9 Gérard Titus-Carmel (1987)

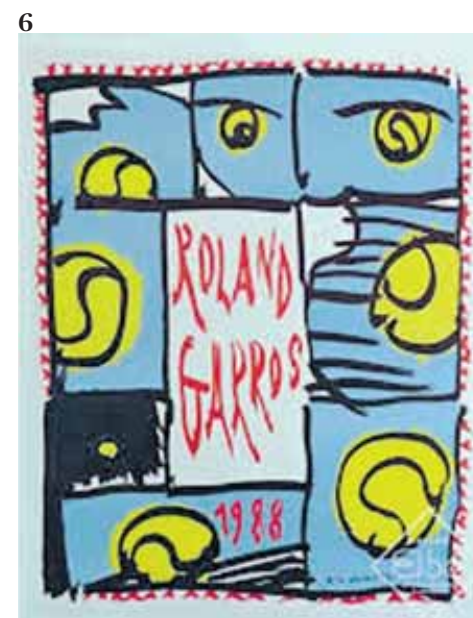
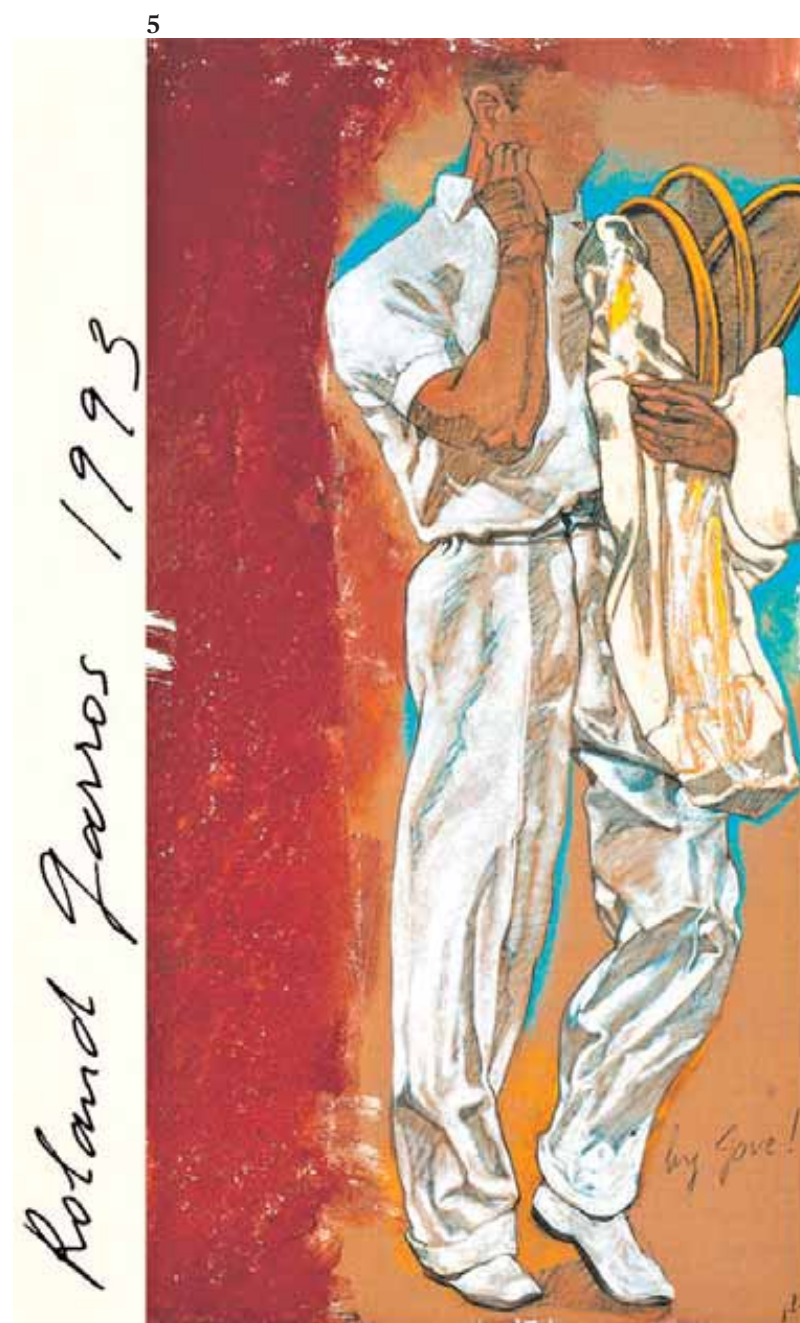
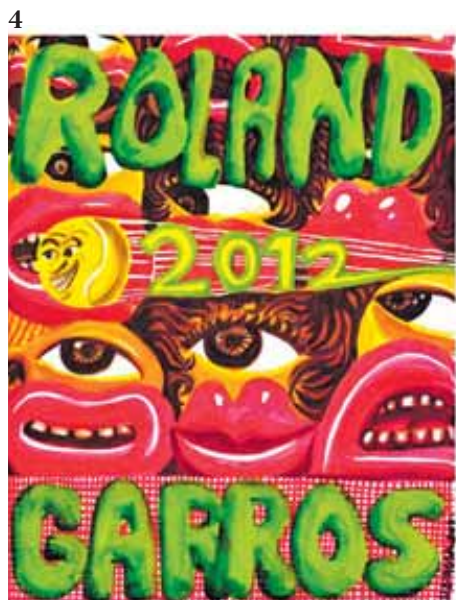
10 Miró morreu já depois da encomenda feita, foram os netos a descobrir, entre a sua obra, o desenho que seria o cartaz oficial de Garros

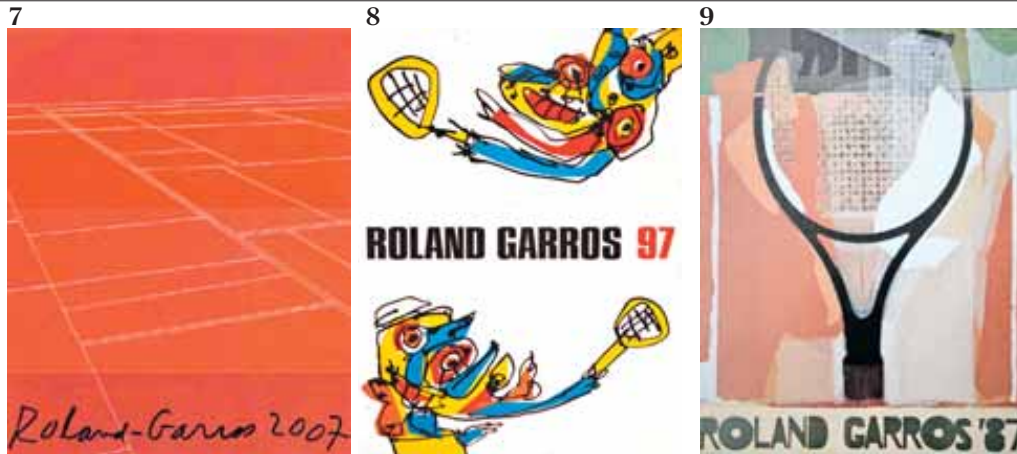
dor do Prémio Sebastião Rodrigues, em 2015, e de três Gold Graphis Awards, entre outros) e que aceitou o desafio do P2 para comentar estes 37 anos de torneio vertidos em arte.

“Mas há Roland Garros! Desde o primeiro ao último cartazes passaram 37 anos e existe um equilíbrio visual que não se consegue equiparar a qualquer solução matemática. Porque equilíbrio não é sinónimo de uniformidade. Porque, se olharmos para esta fórmula de ‘cada ano cada artista, cada artista sua interpretação’, ocorrer-nos-ia pensar que não haveria forma de encontrar uma ‘identidade’ no meio desta equação. Porque cada vez mais se apela à identidade consistente e uniforme, à identidade que se baliza e se protege da ‘interpretação’ para garantir que o evento é reconhecível e nada confundível. Pois bem, o inesperado também faz identidade e Roland Garros, pela mão de Daniel Lelong, percebeu que esta imortalização do torneio a cada ano poderia ser construída por diversas mãos e visões e, acima de tudo, diversas interpretações do que é o ténis”, explica o artista português.

A primeira escolha recaiu em Valerio Adami, pintor italiano, influenciado pela *pop art*, e pelo estilo pós-impressionista do final do século XIX, caracterizado pelas formas planas separadas por contornos pretos. O cartaz, apresentado na edição de 1980, representa, num rasgo, a essência do ténis, através da combinação da mão, raqueta e bola, representando três tempos da acção: o lançar da bola, o início do gesto e o impacto. “Curiosamente, e claro, comparativamente com os outros cartazes, este não é do seu tempo. Tanto pelo tipo de desenho como pelo seu traço (que nos remete para uma técnica mais vectorial), eu diria que seria facilmente rotulável como um cartaz dos anos 2000”, analisa Sérgio Alves.

A influência da *pop art* manteve-se em 1981,





com Eduardo Arroyo a escolher a icónica cabeleira de Bjorn Borg – na altura, sinónimo de ténis para muitos. É, até à data, o único cartaz em que é feita uma referência directa a um determinado tenista. O artista espanhol desenhou uma cabeleira loura, com uma fita na cabeça com as cores da França, que remete para o “rei” sueco que, nesse ano, venceu pela sexta e última vez o torneio francês.

O belga Jean-Michel Folon, pintor e ilustrador, optou em 1982 por um traço mais geométrico e, no ano seguinte, o pintor sérvio Vladimir Velickovic definiu um jogador de ténis como um atleta hercúleo. Gilles Aillaud, pintor e cenógrafo francês, foi o primeiro a retratar o público de Roland Garros. Ao estilo de figuração narrativa, Aillaud resumiu o ambiente do evento a uma miríade de pontos no cartaz de 1984. “É interessante o uso do espaço negativo em que são os espectadores a fazer o estádio e em que a perspectiva é usada para acentuar o ambiente e não a partida de ténis em si”, nota Sérgio Alves. Seguiram-se Jacques Monory (1985) – que se apoiou no universo fotográfico e cinematográfico, criando um ambiente muito típico dos anos 1980 –, Jiri Kolár (1986), Gérard Titus-Carmel (1987), Pierre Alechinsky (1988) e Nicola de Maria (1989).

Fiel ao seu tema principal, a figura feminina, o francês Claude Garache retratou em 1990, e pela primeira vez na história do Roland Garros, uma mulher a jogar ténis. “A mulher é para mim uma fonte de inspiração, em geral e em todas as suas acções. Esta aliança da força com a feminilidade incarnada pelas jogadoras subjuga-me. Elas são soberbas em acção, verdadeiramente belas. O desporto é uma das formas privilegiadas de expressão da feminilidade”, justificou na altura Garache.

### A excepção Miró

Um dos principais representantes do movimento surrealista, Joan Miró, foi o único que, pela mais infeliz das razões, fugiu à regra de criar uma obra original. Seduzido desde logo pelo convite, o artista catalão prometeu desenhar o cartaz para o torneio. Mas viria a morrer a 25 de Dezembro de 1983. Foram os seus netos que retomaram a “encomenda” e descobriram, no meio das obras, uma gravura que servia o objectivo, pertencente a uma série de trabalhos do pintor realizada dez anos antes. Curiosamente, um desenho em que está bem patente uma das maiores influências do artista, o país natal, num prenúncio do domínio espanhol no torneio nessa década.

Em 1992, o artista multimédia alemão Jan Voss retratou uma bola de ténis, raqueta e a rede no seu estilo marcante, de criar ordem no meio do caos.

Jean le Gac, um dos representantes do neofigurativismo, combinou carvão e pastel, para desenhar o cartaz de 1993. O seu jogador fic-

*Se um cartaz tem alguma capacidade, é a de nos fazer viajar no tempo e ter vontade de lá ter estado*

Sérgio Alves,  
designer



cional, nas suas roupas brancas e raqueta de madeira, foi inspirado numa fotografia publicada na revista *Vue*, de 1930, do tenista norte-americano John Van Ryn, durante uma pausa do jogo. Em contraste, Ernest Pignon-Ernest optou no ano seguinte por uma imagem mais clássica, de uma mão aberta após o lançamento da bola.

O cartaz de 1995 é, pela primeira vez, obra de um escultor, Donald Lipski. Jean-Michel Meurice desenhou o póster de 1996 e Antonio Saura, um dos mais famosos pintores do pós-guerra a emergir em Espanha, criou, em 1997, um desenho com personagens de inspiração surrealista e cores vivas, na linha de Picasso e Miró. Foi um dos seus últimos trabalhos, um ano antes da sua morte.

Em 1998, Hervé Télémaque, artista francês nascido no Haiti, fez uma colagem com objectos do dia-a-dia. No ano seguinte, Antonio Seguí deixou vincado o seu traço humorístico. Antoni Tàpies explorou a variedade de estilos artísticos no cartaz de 2000, inspirado na caligrafia oriental e imagens abstractas – uma obra realizada em menos de dois segundos! O norte-americano nascido na Irlanda Sean Scully desenhou em 2001 painéis inspirados nas paisagens da Irlanda natal. E Arman realizou o de 2002.

### A primeira mulher

Em 2003, caberia a Jane Hammond a encomenda. “É o único cartaz que assume uma forma tridimensional ao ponto de ter sombra em si mesmo. Isso é claramente acentuado no uso de pedaços de papel sobre uma base de argila, mas que depois tem um grande contraponto na solução de silhuetas humanas que nos remetem para um universo muito mais digital”, explica Sérgio Alves.

O cartaz de 2004 tem ritmo e pulsação ou não fosse o seu autor o suíço Daniel Humair, baterista e compositor de jazz. “A soma de várias partes para retratar um evento, que claramente não se faz apenas de dois jogadores, é uma aproximação transversal a vários artistas a fazer um pouco lembrar Picasso. Interessante perceber como estes cartazes de 1992, 1998 e 2004 são os que mais uso fazem da cor e da forma como a simetria de alguns elementos ocupam o formato rectangular do próprio cartaz”, assinala o designer do Atelier d’Alves.

Talvez esquecendo-se de que o torneio se desenrola na Primavera, o escultor espanhol Jaume Plensa propôs em 2005 uma obra sombria, saturada de palavras retiradas do *Quarto Livro* de Rabelais, autor francês que, em tempos, se interessou pelo “Jeu de Paume”, o antecessor do ténis. “O preto é uma cor nobre para os mediterrânicos, é uma homenagem à luz do Norte. Sempre achei muito belo o céu nublado, pesado e baixo de Paris”, justificou na altura o autor daquele que recebeu, rapidamente, o título de cartaz mais sinistro.

Günther Förg pintou o cartaz de 2006 e, no ano seguinte, Kate Shepherd foi a segunda mulher escolhida. Shepherd usou painéis de madeira que cobriu com variantes de vermelho.

“Tipograficamente, é interessante perceber como quase nenhum artista foi influenciado pelo desenvolvimento tecnológico de meios de impressão, mas acima de tudo pelo desenho das próprias tipografias. Seria de esperar ver um leque (sans serifs, serif, grotescas, avant-garde) mais alargado e que muitas vezes são retratos do passar de épocas, movimentos e das próprias culturas de cada país. No sentido oposto, a caligrafia acaba por ser transversal a quase todos os cartazes, numa conotação ainda mais pessoal dos respectivos autores. Muitas vezes, como por exemplo em 1993, 2001 e 2007, Roland Garros é quase tratado como se fosse uma assinatura da própria obra”, salienta o designer Sérgio Alves.

O austríaco Arnulf Rainer (2008), o alemão Konrad Klapheck (2009), a indiana, nascida no Paquistão, Nalini Malani (2010), o camaronês Barthélémy Toguo (2011) assinaram os posters seguintes. O cartaz de 2012, da autoria de Hervé Di Rosa, provocou reacções contraditórias, só esquecidas quando foi revelado o cartaz do ano seguinte, de David Nash.

Em 2014, a escolha recaiu no pintor espanhol Juan Uslé e, em 2015, houve a estreia de um artista chinês, Du Zhenjun, que explicou: “Esta obra é uma mistura de arte asiática, já que esta linha traçada no centro pertence à estética *zen*.”

No ano passado, Marc Desgrandchamps criou o cartaz oficial com base em fotos de jogadoras de ténis dos anos 1960. E, este ano, a honra de se juntar à ilustre lista de artistas coube ao brasileiro Vik Muniz. Seduzido por Paris e pela cor do *court*, o compatriota de Gustavo Kuerten, tricampeão de Roland Garros (1997, 2000 e 2001) e grande responsável pela popularidade do ténis no Brasil – colocou-se na posição do adversário para desenhar uma figura de pernas para o ar.

“Seria de esperar que a partir de 2000 os cartazes se tornassem mais digitais, com recurso a técnicas baseadas na evolução da tecnologia. Seria de esperar que as necessidades de adaptar uma imagem a vários suportes de comunicação (televisão, redes sociais, etc.) condicionassem as técnicas de produção/reprodução. Seria de esperar que as marcas se sobrepusessem à própria temática do evento. Nada disso aconteceu. E Roland Garros continua com os seus cartazes, mais ou menos óbvios, mas que assumem um papel de immortalizar o evento para quem lá esteve, acima de tudo para quem não lá esteve. Porque, se um cartaz tem alguma capacidade, é a de nos fazer viajar no tempo e ter vontade de lá ter estado”, afirma Sérgio Alves.

Os originais de todos os cartazes estão no Tennisium, o museu do Estádio de Roland Garros.

## Media&Tecnologia

# Televisão

## Todos os deuses, algures na América

Marco Vaza

A televisão por cabo, primeiro, e os serviços de *streaming*, depois, abriram a produção televisiva a todo um mundo novo de risco sobre o que se pode fazer. Impensável ter algo como *Os Sopranos* em horário nobre numa grande cadeia, mas, obrigado HBO por ter corrido o risco (e, já agora, por *Guerra dos Tronos*).

O risco aparece em coisas que podem ser demasiado violentas, demasiado profanas, ou, no caso de não serem ideias originais, consideradas “inadaptáveis” até pelos autores do material de origem. *American Gods*, o romance escrito no início do novo século por Neil Gaiman, entrava em todas estas categorias. Violento, profano e inadaptável. Mas o que já se viu mostra que os deuses estão com *American Gods*, que está disponível em Portugal através do serviço de *streaming* Amazon Prime.

É uma história de deuses. Na América. Os velhos deuses foram para o Novo Mundo, com os crenes de diferentes fés que lá desembarcaram. Com o passar do tempo, os crenes passaram a acreditar em outras coisas, criaram novos deuses, e os velhos deuses não estão satisfeitos. É este o universo criado por Neil Gaiman, conhecido, sobretudo, como argumentista de banda desenhada (*The Sandman* é a sua obra mais celebrada, entre muitas outras coisa que fez para a DC, Marvel, e numerosas novelas gráficas), e que o próprio achava que nunca daria um filme, quanto mais uma série de televisão. E nem estava muito preocupado com isso.

O livro foi publicado em 2001, passou por várias mãos e a HBO até se mostrou interessada, mas o projecto não andou por causa de uma certa série em que o Inverno está sempre quase a chegar. “Escrevo um livro que não pode ser filmado e divirto-me com isso. As pessoas vão-me ligando, ‘Olá, eu sou um realizador famoso que você conhece. Li o seu livro e acho que dava um filme fantástico, mas não sei como. Como é que você faria? E eu respondia, ‘Não sei’”, conta Gaiman numa entrevista ao site A.V. Club. Mas, ao contrário de Alan Moore, outro autor britânico



famoso por já não querer nada seu no cinema (e com razão; veja-se *A Liga dos Cavaleiros Extraordinários*), Gaiman abraça a transposição do seu trabalho para outros meios (*Stardust* e *Coraline* são filmes com muitos méritos) e, para *American Gods*, encontrou uma alma compatível em Bryan Fuller, um produtor habituado a pisar o risco criativo.

As peças encaixaram. Com Fuller, eminente criador de universos

O que já se viu mostra que os deuses estão com *American Gods*, disponível em Portugal através do serviço de *streaming* Amazon Prime

oníricos luminosos (*Pushing Daisies*) e sombrios (*Hannibal*), uma cadeia de televisão por cabo (Starz) que não tinha de se preocupar com palavras, violência e sexo, um elenco de deuses a fazerem de deuses (Ian McShane, Gillian Anderson), e a colaboração do próprio Gaiman como um dos argumentistas, *American Gods* é um *road movie* em oito episódios que mostra deuses escondidos (e esquecidos) numa América escondida. São deuses nórdicos, bíblicos, eslavos, celtas e africanos contra os deuses dos tempos modernos (tecnologia, *media*), com os crenes pelo meio.

A narrativa nem sempre linear e a violência profana de *American Gods* evocam uma série de referências televisivas do passado, que vão de *Twin Peaks* (que foi uma porta aberta no *mainstream* para este tipo de televisão alternativa e que está de regresso), *Ficheiros Secretos*, *Carnivale*, *The Stand* ou até de coisas mais recentes como *American Horror Story*, *Legion* e *Priest*. Ainda não acabou a primeira temporada e já está confirmada uma segunda, o que só prova que o risco de adaptar o inadaptável vale a pena - e ajuda ter uma Gillian Anderson que se transforma, com a mesma facilidade, em Marilyn Monroe, Lucille Ball e David Bowie.

mvaza@publico.pt

FOTOS CORTESIA PRODUÇÃO



## Tecnologia

### Gadgets de corrida

Isabel Coutinho

Estava a ler no iPad a edição de Julho da revista *Runner's World*, que traz um dossier dedicado aos *gadgets* para corrida, e parei no editorial de Andy Dixon, onde ele lembra que a corrida é um desporto para o qual basta ter “um par de ténis decentes” – e nesta edição ele experimentou os Nike Zoom Vaporfly 4% que foram usados pelo campeão olímpico Eliud Kipchoge no “Projecto Duas Horas” (a tentativa da Nike para fazer baixar o tempo da maratona com sapatilhas que segundo a marca reduzem o gasto energético necessário para correr em 4%) e relançaram a discussão sobre o “*dopping* tecnológico” e as suas fronteiras.

Mas apesar de todos os avanços tecnológicos “é a própria pessoa que tem de correr”, realça Dixon, ainda somos nós que temos de colocar um pé à frente do outro. E isso fez-me lembrar a tristeza que senti quando soube que tinha sido descontinuado, por falta de financiamento, o Tune, da Kinematix, a *startup* criada pelo português Paulo Ferreira dos Santos que em 2015 tinha sido escolhida pela revista *Wired* para integrar a série “*Startup of the Week*”.

A ideia do Tune, que foi lançado no mercado em Outubro de 2016 e funciona com sensores e palmilhas que se aplicam nos ténis, surgiu ao CEO português para tentar evitar que os corredores tivessem problemas nos tornozelos e nos joelhos e melhorassem a performance. Paulo Ferreira dos Santos queria que o Tune “tornasse visível para uma pessoa que corre o efeito de se ter ou não se ter uma boa técnica”, dando-lhe pistas para melhorar e perceber a importância de correr em boas condições. O Tune monitorizava os dois pés dos desportistas, dava informações sobre a forma como se corre em tempo real, identificava que parte do pé bate primeiro no solo e por quanto tempo. A informação era enviada para uma *app* no *smartphone* ou para o relógio electrónico, e, lidos os resultados e a evolução ao longo dos treinos, a técnica de corrida podia ser melhorada já que a aplicação também indicava os exercícios adequados.

isabel.coutinho@publico.pt

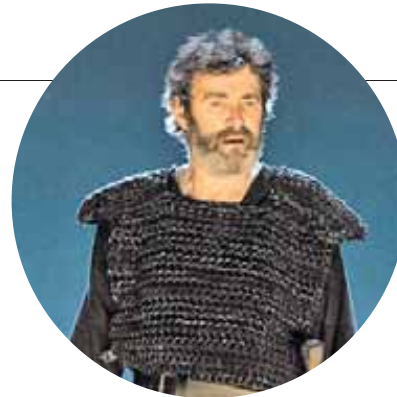


## Semana de lazer

### Teatro

#### FITEI a representar comunidade e memória

A estreia do *Macbeth* de Nuno Carinhas (na foto) abre no São João o 40.º Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica. Além de salas, instala-se em jardins, no metro, no Navio-Hospital *Gil Eannes* e até num cabeleireiro. Recebe artistas de Portugal e Espanha, mas também da Argentina e do Chile. No programa, dirigido por Gonçalo Amorim e conduzido pelo tema *Comunidade e Memória*, há ainda dança, música, exposições, conferências, sessões de poesia e projectos com escolas.



**PORTO, MATOSINHOS, FELGUEIRAS e VIANA DO CASTELO**

Vários locais.  
De 1 a 17 de Junho.  
Grátis a 16€

lazer@publico.pt



### Ópera

#### O Peter Grimes de David Alden

No fecho da temporada, o São Carlos recebe uma ópera encenada por David Alden, norte-americano conhecido pelos trabalhos arrojados, que esteve há seis anos na sala lisboeta com *Kátia Kabanová*, de Janáček. Desta vez, aborda *Peter Grimes*, do inglês Benjamin Britten, numa co-produção da English National Opera com outras salas europeias. John Graham-Hall, Emily Newton, Jonathan Summers e Rebecca de Pont Davies lideram o elenco vocal, a que se juntam o Coro do Teatro Nacional de São Carlos e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigida por Joana Carneiro. Originalmente estreada em Londres, em 1945, *Peter Grimes* baseia-se num poema da colecção *The Borough*, de George Crabbe, e narra a história trágica de um pescador que é alvo de suspeição pela sua comunidade. Ou “a luta do indivíduo contra as massas”, nas palavras de Britten.

**LISBOA Teatro Nacional de São Carlos. Dias 30 de Maio, 1, 5 e 7 de Junho, às 20h; Dia 3 de Junho, às 16h. Bilhetes de 20€ a 60€**

### Música

#### Guns N' Roses: nunca na vida?

É um concerto que, há poucos anos, nem o fã mais optimista pensava possível. Axl Rose (na foto) chegou a dizer que mais depressa morria um dos dois, ele ou Slash, do que pisavam o mesmo palco. A expressão “nunca na vida” acabou por



### Festival

#### Serralves em festa sem muros

O 14.º Serralves em Festa quer *Quebrar Muros*. Depois da recepção a mais de 160 mil visitantes no ano passado, alarga-se a 50 horas de espectáculos em regime *non-stop* – mais dez que na última edição –, com propostas que transpõem fronteiras artísticas e galgam os limites da fundação para outros pontos da cidade. O projecto coreográfico de Claudio Stellato *La Cosa*

**PORTO Fundação de Serralves e outros locais. De 2 a 4 de Junho, das 18h de sexta às 22h de domingo. Grátis**

dar título à digressão-reunião *Not In This Lifetime*. Mágoas e vícios ultrapassados, Lisboa torna a ver o cantor e o *guitar hero* juntos — ladeados pelo baixista (e pacificador) Duff

McKagan, outro elemento da formação clássica — 25 anos depois da passagem da *Use Your Illusion Tour* pelo antigo estádio José de Alvalade. As canções vêm do auge das décadas de 1980 e 90, de

*Welcome to the jungle* a *Paradise city*, passando por *Patience*, *Sweet child o'mine* e *November rain*, mas também é preciso estudar *Chinese Democracy*, o disco que Axl lançou com a marca Guns N' Roses e que trouxe a Portugal em 2006 e em 2010.

**ALGÉS Passeio Marítimo. Dia 2 de Junho, às 19h30. Bilhetes de 69€ a 129€**

### Teatro

#### Trinta anos com três estreias em Guimarães

Os Festivais Gil Vicente, que se realizam ininterruptamente desde 1987 e são propulsionados pela produção nacional, levam este ano à cena três estreias: a distopia de *Geocide*, de

(na foto), por exemplo, pode ser visto na Baixa do Porto, na véspera do arranque. O programa da festa segue com o circo acrobático de *Halka*, a suspensão de Chloé Moglia em *Horizon*, a música de Lula Pena, Niño de Elche, Los Pirañas, Terry Riley & Gyan Riley e OOIOO (de Yoshimi), a dança de Ola Maciejewska e uma conferência de José Ramos-Horta, entre muitas outras iniciativas.

foto) na versão de João Sousa Cardoso para o texto de Raul Brandão, a propósito do 150.º aniversário do seu nascimento, e *Henrique IV, Parte 3*, de Jacinto Lucas Pires. A 30.ª edição inclui ainda o primeiro encontro do *Gangue de Guimarães*, projecto do Teatro Oficina que envolve uma residência artística, debates e ensaios abertos.

**GUIMARÃES Centro Cultural Vila Flor e outros locais. De 1 a 11 de Junho. Bilhetes a 7,50€ (espectáculo) e 25€ (passe)**

### Arte

#### Emily Wardill a trabalhar com o fogo

Emily Wardill, artista britânica radicada em Portugal, traz à Gulbenkian trabalhos recentes, numa exposição produzida em parceria com o centro de arte contemporânea norueguês



Bergen Kunsthall. Um deles é o filme *No trace of accelerator* (na imagem), inspirado numa misteriosa série de incêndios em Moirans-en-Montagne (França), nos anos 1990. Wardill mostra também relevos escultóricos que, nas suas palavras, “sugerem algo entre peças de origami e semifantasma”, bem como um conjunto de fotogramas. Por fim, exhibe *I gave my love a cherry that had no stone*, mais um filme, este rodado no foyer da fundação com o bailarino e coreógrafo David Marques, “sobre um homem que não quer ser real”. Quem quiser conhecer melhor o projecto expositivo pode conversar com Wardill e com a curadora, Rita Fabiana, no dia 3 de Junho, às 16h. **LISBOA Fundação Calouste Gulbenkian (no Espaço Projecto). De 2 de Junho a 28 de Agosto. Todos os dias, excepto terça, das 10h às 18h. Grátis (exposição); 6€ (conversa)**



# Dia de ficar

## SÉRIE

### Twin Peaks TVSéries, 22h

Estreia. Vinte e cinco anos depois do último episódio da segunda temporada da série criada por David Lynch, que deixou milhões sem resposta quanto ao assassinio de Laura Palmer (Sheryl Lee), a rainha do liceu, encontrada morta à beira do rio enrolada em plástico, o regresso dos icónicos personagens: o agente especial Dale Cooper (Kyle MacLachlan), Lucy (Kimmy Robertson), Dr. Lawrence Jacoby (Russ Tamblyn), Shelly (Mädchen Amick) e Bobby (Dana Ashbrook), entre muitos outros.

## DESPORTO

### Futebol: SL Benfica x Vitória SC RTP1, 17h04

Directo. Jogo que determinará o vencedor da Taça de Portugal da época 2016/2017. A festa, porém, começa antes. A partir das 11h30, a transmissão faz-se a partir do Jamor, com Aqui Há Taça. Às 15h45, há Festa da Taça de Portugal com o Pré Match e, depois das 19h, o Pós Match.

## CINEMA

### Contágio SIC, 17h30

Um *thriller* de acção realizado por Steven Soderbergh, que se debruça sobre as hipotéticas consequências de uma epidemia a nível mundial na sociedade contemporânea, onde a mobilidade é praticamente total. De regresso de uma viagem de negócios a Hong Kong, Beth Emhoff morre do que parece ser uma gripe comum, deixando Mitch, o seu marido, completamente arrasado. Mas, poucos dias depois, outros casos com os mesmos sintomas chegam aos hospitais do país, incluindo o seu filho pequeno, que acaba também por morrer. É o início de uma pandemia. Com Laurence Fishburne, Marion Cotillard, Matt Damon, John Hawkes, Jude Law, Gwyneth Paltrow e Kate Winslet.

### Ressurreição TV1, 21h30

Depois de controlar uma revolta de zelotas liderada por Barrabás, que lutava contra a dominação romana, o tribuno romano Clavius é encarregado por Pôncio Pilatos a investigar os rumores de um suposto Messias ressuscitado. A sua missão é localizar o corpo



## Televisão

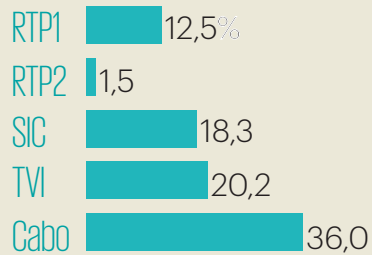
lazer@publico.pt

### Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 26

|                | %   | Aud. | Share |
|----------------|-----|------|-------|
| Ouro Verde II  | TVI | 13,8 | 28,8  |
| Amor Maior     | SIC | 13,5 | 28,0  |
| Espelho d'Água | SIC | 9,8  | 26,2  |
| Jornal das 8   | TVI | 9,3  | 22,2  |
| A Impostora II | TVI | 9,3  | 24,7  |

FONTE: CAEM



### RTP 1

**6.00** As Horas Extraordinárias **6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.30** Aqui Há Taça **12.08** Jogo Mortal **13.00** Jornal da Tarde **14.19** Aqui Há Taça **15.45** Festa da Taça de Portugal: Pré Match **17.04** Futebol: SL Benfica x Vitória SC - Final da Taça de Portugal **19.14** Festa da Taça de Portugal: Pós Match **19.59** Telejornal **21.11** Hora da Sorte: Sorteio do Joker **21.18** Got Talent Portugal - Final **0.11** O Corpo da Mentira **2.38** Sob Suspeita

### RTP 2

**7.00** Euronews **7.50** Espaço Zig Zag **12.49** Voz do Cidadão **13.07** Caminhos **13.34** 70 x 7 **14.06** Irresponsável **14.32** Efeito Borboleta **15.00** Desporto 2 **17.03** Espaço Zig Zag **17.10** Testes em Série **18.03** Makers **18.06** O Bairro **18.31** Makers **18.36** A Ilha de Black Mor **20.00** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **20.29** Nexos **21.23** É um Clássico **21.30** Jornal 2 **22.14** Os Influentes **23.11** Double Play **0.25** Whats Up - Olhar a Moda **0.52** Do Outro Lado do Mundo **1.52** Mbye Ebrima no B.Leza **3.31** Nexos: As Três Religiões do Livro **4.22** Irresponsável

### SIC

**6.00** Espaço Infantil **10.55** Lua Vermelha **12.00** Vida Selvagem: Nature's Greatest Dancers **13.00** Primeiro Jornal **14.15** Fama Show **14.45** 007, O Amanhã Nunca Morre **17.30** Contágio **19.57** Jornal da Noite **21.45** Just Duet - O Dueto Perfeito **23.50** A Lei do Amor **0.55** A Hora Mais Negra **2.30** Os Europeus **2.50** Malucos do Riso

### TVI

**6.30** Animações **8.32** Campeões e Detectives **9.20** Detective Maravilhas **10.04** Querido, Mudei a Casa **11.07** Missa **12.21** Somos Portugal: Vila Real **13.00** Jornal da Uma **14.01** Somos Portugal: Vila Real **19.58** Jornal das 8 **21.54** Pesadela na Cozinha **23.30** Querido, Mudei a Casa **0.28** Love On Top - Diário de Domingo **0.59** Super Quiz **2.29** Tempo de Viver

### TV1

**10.15** Central de Inteligência **12.05** Steve Jobs **14.10** A Modista **16.10**

Operação Eye in the Sky **17.55** As Sufragistas **19.45** A Última Noitada **21.30** Ressurreição **23.20** Straight Outta Compton **1.55** Homem Irracional **3.35** A Branca de Neve e o Caçador

### FOX MOVIES

**10.21** 100 Armas ao Sol **12.07** O Legado de Bourne **14.17** Infiltrado **16.20** Quarteto Fantástico e o Surfista Prateado **17.49** Percy Jackson e os Ladrões do Olimpo **19.43** R.I.P.D.: Agentes do Outro Mundo **21.15** Código Momentum **22.47** Lucy **0.12** Um Método Perigoso **1.47** Pela Estrada Fora **4.01** 10 Anos Depois

### CANAL HOLLYWOOD

**10.20** Cody Banks 2: Missão em Londres **12.05** Pocahontas (V.P.) **13.35** Sedutora Tentação **15.50** Ted **17.40** Força Delta 2 - Operação Estrangulamento **19.35** Godzilla **22.00** Quem Quer Ser Bilionário? **0.05** Golpada Americana **2.25** Um Coração Selvagem **4.30** Predadores

### AXN

**14.57** Underworld: O Despertar **16.38** Prometheus **18.45** Dragonball: Evolução **20.14** Underworld: O Despertar **21.55** O Lobo de Wall Street **0.55** 72 Horas **3.08** Quanto **3.58** Investigação Criminal **4.43** Investigação Criminal

### AXN BLACK

**14.50** Snowpiercer - O Expresso do Amanhã **16.49** Rampart - O Renegado **18.31** Identidade Misteriosa **19.58** Voltar **22.00** A Pele Onde Eu Vivo **0.02** O Preço da Coragem **1.39** Identidade Misteriosa **3.06** Voltar

### AXN WHITE

**14.19** Rua da Salvação **15.56** Parceiros à Força **17.34** Rua da Salvação **19.11** A Teoria do Big Bang **22.00** Priscilla, Rainha do Deserto **23.44** A Coisa Mais Doce **1.16** Infiéis **2.02** Hora de Ponta **2.47** Priscilla, Rainha do Deserto **4.31** A Coisa Mais Doce

### FOX

**13.33** C.S.I. **14.26** Ocean's 12 **16.43** Ghost Rider **18.47** X-Men 2 **21.20**

X-Men: O Confronto Final **23.12** O Reino **1.20** MacGyver **2.09** Scorpion **2.58** Prison Break: Sequel **3.51** C.S.I.

### FOX LIFE

**13.06** Rizzoli & Isles **13.54** Love on the Air **15.38** Mom's Day Away **17.13** Comer Orar Amar **19.53** Julie e Julia **22.20** Aqui e Agora **0.15** A Minha Versão do Amor **2.37** Anatomia de Grey

### DISNEY

**15.19** Lab Rats **15.45** Manual do Jogador Para Quase Tudo **16.33** Acampamento Kikiwaka **17.01** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.25** Acampamento Kikiwaka **17.48** Melhores Amigas Sempre **18.12** K.C. Agente Secreta **18.36** Lab Rats **19.00** A Irmã do Meio **20.59** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

### DISCOVERY

**17.05** Aliens: Ficheiros Abertos **17.30** A Minha Casa Numa Árvore **19.15** Caçadores de Mitos: A Nova Geração **21.00** Pesca Radical: Newport **22.55** À Pesca de Ouro: Debaixo do Gelo **0.40** NASA, Ficheiros Secretos **3.05** Os Caçadores de Mitos **4.35** Negócio Fechado **5.00** Container Wars

### HISTÓRIA

**17.08** Os Últimos Dias dos Nazis **17.52** Loucos por Carros **18.32** O Preço da História **19.12** Caça Tesouros **20.39** Loucos por Carros **21.20** O Preço da História **22.00** A Maldição de Oak Island **23.24** Alienígenas, a Prova Definitiva **0.50** A Maldição de Oak Island **2.15** Barbarians Rising **3.13** Os Últimos Dias dos Nazis **4.45** Loucos por Carros **5.30** O Preço da História

### ODISSEIA

**17.09** Estranhas Criaturas **17.35** As Melhores Praias do Mundo **18.30** Através da Objectiva **19.20** Animais Bebés **20.10** Safari: Aventura em África **21.13** Estranhas Criaturas **22.01** As Melhores Praias do Mundo **22.56** Escorts, Acompanhantes de Luxo **23.45** Arte Erótica **0.31** Escorts, Acompanhantes de Luxo **1.20** Arte Erótica **2.07** Manas, o Regresso dos Gigantes **2.59** A Costa dos Predadores **3.52** Truque **4.16** Clima Extremo Viral

desaparecido de Yeshua após a crucificação, de modo a acabar com uma provável revolução popular em Jerusalém. Depois de buscas intensivas em todos os lugares e sepulturas - e não conseguindo encontrar o corpo em lugar algum -, Clavius procura os seguidores de Yeshua, que lhe mostram as razões das suas crenças. Pilatos descobre a traição de Clavius e envia um contingente de tropas romanas para o capturar e matar todos os discípulos de Cristo. De Kevin Reynolds, com Joseph Fiennes, Tom Felton, Peter Firth e Cliff Curtis.

### Priscilla, Rainha do Deserto AXN White, 22h

Três *drag queens* de Sydney (Hugo Weaving, Guy Pearce e Terence Stamp), a quem a vida corre mal, aceitam fazer um espectáculo em Alice Springs, no centro da Austrália. Para lá chegar, atravessam o deserto num autocarro pintado de cor-de-rosa a que chamam "Priscilla". A viagem faz-se com paragens frequentes e diversos incidentes. De Stephan Elliott, um delicioso *road-movie* australiano, que tem tanto de cómico como de comvente e tem a grande curiosidade de apresentar o veterano dos filmes de terror Terence Stamp num papel muito diferente do habitual. Óscar em 1994 para o melhor guarda-roupa.

## DOCUMENTÁRIO

### Double Play RTP2, 23h11

Um documentário de Gabe Klinger que traça o retrato da amizade entre dois cineastas norte-americanos de obras e percursos distintos: James Benning (do documentário *13 Lakes*) e Richard Linklater (do romance *Antes do Amanhecer*). A partir de conversas entre Benning e Linklater, explora-se as marcas do tempo, não apenas nas obras cinematográficas de ambos, mas também na amizade que os une e nas suas vidas particulares.

## INFANTIL

### Pocahontas (V. Port.) Canal Hollywood, 12h05

A história de amor entre a princesa índia Pocahontas e o capitão britânico John Smith. A chegada dos ingleses, liderados pelo ambicioso governador Ratcliffe, vai revolucionar a vida dos índios. E nem a tribo nem os colonos aceitam o amor entre aqueles.

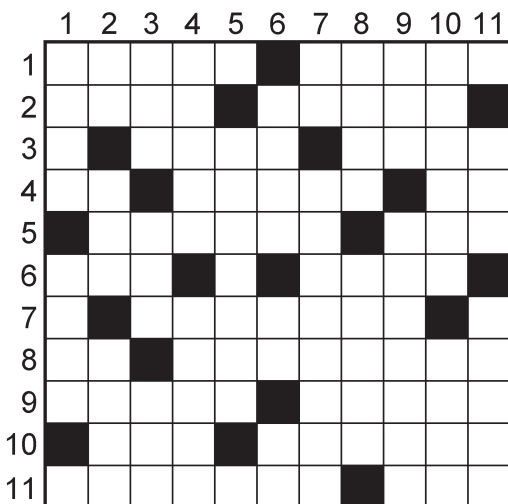




## CRUZADAS9901

**HORIZONTAIS:** 1 - Osso que constitui a saliência da face. Espécie de sedeiro, em que os cardadores recardam a lã. 2 - É um dos símbolos bíblicos da inocência. Quantidade de pessoas. 3 - Porca (regional). Cada um dos volumes de uma obra científica ou literária. 4 - Antes do meio-dia. Pó resultante da pulverização do metassilicato de magnésio hidratado, usado como medicamento e na higiene corporal sobre a pele. Sufixo (agente). 5 - Fuga. Altar. 6 - Partícula de negação. Os ramos ou a folhagem das plantas. 7 - Satisfação. 8 - Parte mais larga e carnuda da perna das reses. Revezar. 9 - Neste momento. Espécie de cesto de vime de feito afunilado, usado na pesca. 10 - Designativo da pedra constituída por sulfato de alumínio e potássio hidratado. Amarra (embarcação). 11 - Pequena caixa com fita magnética em que se registam sons. Lista.

**VERTICAIS:** 1 - Terreno cheio de árvores silvestres. Espécie de pelica artificial, fina e macia. 2 - Prefixo (afastamento). Forma feminina de meão. Líquido incolor e inodoro, composto de hidrogénio e oxigénio. 3 - Um prazer de quem gosta de livros. Desloca-se no ar. Organização Mundial de Saúde. 4 - Asa do nariz. Deuses que protegem o lar e a família, entre os antigos Romanos. 5 - Reino medieval espanhol. 6 - Sedutor. Gran Turismo. Autoridade Tributária e Aduaneira. 7 - Parlamento Europeu. Que está em vigor. 8 - Gordura de porco por derreter, que envolve os intestinos. Encolerizar. 9 - Aperto com nó. Tornar manso. 10 - Dilação. Nojo. 11 - Reza. Vaso sagrado que, segundo a crença da Idade Média, foi utilizado por Jesus na última ceia com os apóstolos.



Depois do problema resolvido encontre o provérbio nele inscrito (5 palavras).

**Solução do problema anterior**

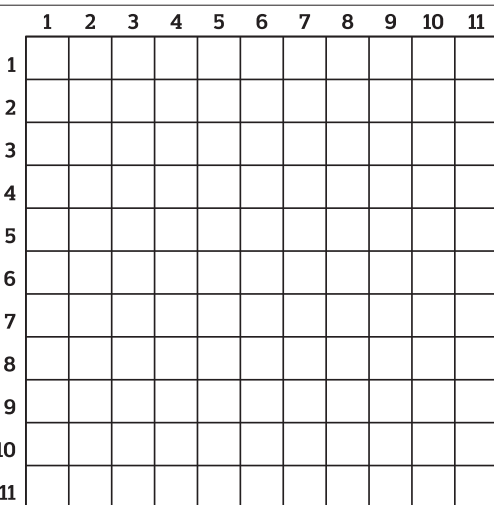
**HORIZONTAIS:** 1 - Abar. Marrom. 2 - Talar. Bioco. 3 - Alas. Calcar. 4 - Caracol. 5 - Arar. DE. 6 - PEDRA. Emir. 7 - Ar. Roçagar. 8 - Bota. Adil. 9 - Ave. Verruga. 10 - Diocese. Rim. 11 - Errar. Içara. **VERTICAIS:** 1 - Ataca. Abade. 2 - Bala. Provir. 3 - Alarde. Teor. 4 - Rasa. Dra. Ca. 5 - Caro. Ver. 6 - CORAÇÕES. 7 - Abala. Rei. 8 - Ril. Regar. 9 - Roca. Madura. 10 - Oca. Dirigir. 11 - Morder. Lama.

**TÍTULO DO FILME:** Corações de Pedra.

## CRUZADASBRANCAS

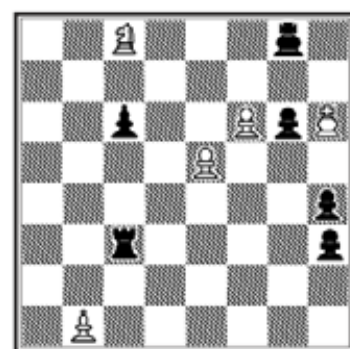
**HORIZONTAIS:** 1. Avançava. Réptil saúrio. Atréla. 2. Ovário dos peixes. Terreno em que há muita erva. 3. A pessoa ou coisa masculina de que se fala. Cantor ambulante. 4. Aplanem. Globo. 5. Batráquio. Atraiçoar. Caminhar para lá. 6. Emissão de voz. Um certo. 7. A unidade. Mastigar e engolir. Molibdénio (s.q.). 8. Animal bravo e carniceiro. Aliados. 9. Ave palmípede, espécie de pato. Contr. da prep. a com o art. def. os. 10. Deixar de amar. Designa o fim de tempo, distância (prep.). 11. Mulher que cria criança alheia. Que é de bronze. Ósmio (s.q.).

**VERTICAIS:** 1. Satélite de Júpiter. Bolo doce de Coimbra. 2. Fruto da aveleira. A mim. Sobre (prep.). 3. Naquela lugar. Rasoura. 4. Golpe com estoque, ponta de espada ou florete. 5. A si mesmo. Solitário, descampado. Nome da letra M. 6. Trilha com gramadeira (o linho). Sugar (o leite) da mãe ou da ama. 7. Deus te salve! (interj.). Parcela. Graceja. 8. Veneraria. 9. Ave de rapina do género falcão. Antiga possessão portuguesa na costa da Índia. 10. Contr. do pron. te e a. Bismuto (s.q.). Sumo de uvas antes de acabar a fermentação. 11. Que alternam. Existes.



**Solução:**  
**HORIZONTAIS:** 1. Ia. Osga. Áta. 2. Ova. Ervaçal. 3. Ele. Aedo. 4. Alissem. Orbe. 5. Ra. Trair. Ir. 6. Som. Tal. 7. Um. Comer. Mo. 8. Fera. Amigos. 9. Adem. Aos. 10. Desamar. Até. 11. Ama. Eri. Os. **VERTICAIS:** 1. Io. Arrrêda. 2. Avelá. Me. Em. 3. Ali. Rasa. 4. Estocada. 5. Se. Ermo. Eme. 6. Grama. Mamar. 7. Ave. Item. Ri. 8. Adoraria. 9. Açor. Goa. 10. Ta. Bi. Mosto. 11. Altos. Es.

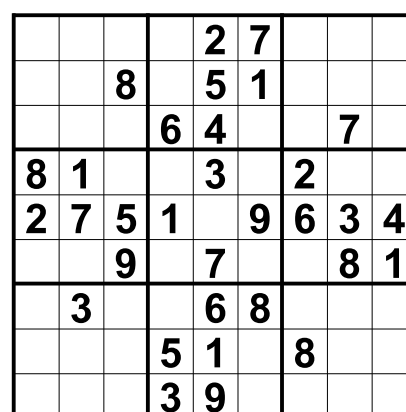
## XADREZ



L. Mitrofanov - 28 MAIO  
5º prémio, 1988  
(As brancas ganham)

**Solução:**  
1. Ba2+ Rh8 2. Ce7 Be4  
[2...Be8 3. Tf7 Bxf7 4. Bxf7 Tg3 5. Cxg6+ Txg6+ 6. Bxg6] 3. Bb1 [3. Tf7 Tf3 4. e6 h2 5. Cxg6+ Bxg6 6. e7 Bxf7] 3...Bxb1 4. Tf7 Tf3 5. e6 h2 6. Cd5 h1=D 7. Cf4!! 1-0 Tx14 8.e7

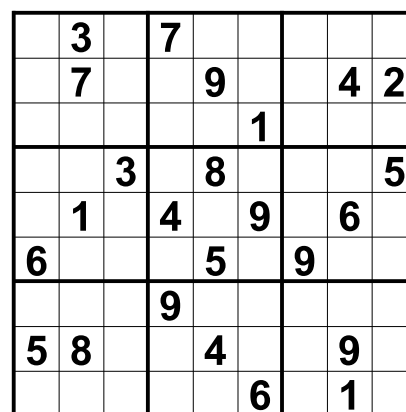
## SUDOKU



**Problema 7576**  
Dificuldade: Fácil

**Solução do problema 7574**

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 9 | 2 | 3 | 7 | 6 | 5 | 1 | 8 |
| 8 | 6 | 7 | 1 | 4 | 5 | 2 | 9 | 3 |
| 3 | 5 | 1 | 9 | 8 | 2 | 7 | 6 | 4 |
| 6 | 3 | 5 | 2 | 9 | 7 | 8 | 4 | 1 |
| 2 | 8 | 9 | 4 | 1 | 3 | 6 | 5 | 7 |
| 7 | 1 | 4 | 5 | 6 | 8 | 9 | 3 | 2 |
| 1 | 2 | 6 | 8 | 3 | 9 | 4 | 7 | 5 |
| 9 | 4 | 8 | 7 | 5 | 1 | 3 | 2 | 6 |
| 5 | 7 | 3 | 6 | 2 | 4 | 1 | 8 | 9 |



**Problema 7577**  
Dificuldade: Muito difícil

**Solução do problema 7575**

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 7 | 8 | 6 | 9 | 4 | 1 | 5 | 3 | 2 |
| 3 | 4 | 1 | 2 | 6 | 5 | 9 | 8 | 7 |
| 2 | 5 | 9 | 8 | 3 | 7 | 1 | 6 | 4 |
| 1 | 2 | 8 | 4 | 9 | 3 | 6 | 7 | 5 |
| 4 | 6 | 5 | 1 | 7 | 8 | 3 | 2 | 9 |
| 9 | 3 | 7 | 5 | 2 | 6 | 4 | 1 | 8 |
| 8 | 1 | 4 | 6 | 5 | 2 | 7 | 9 | 3 |
| 5 | 7 | 2 | 3 | 1 | 9 | 8 | 4 | 6 |
| 6 | 9 | 3 | 7 | 8 | 4 | 2 | 5 | 1 |

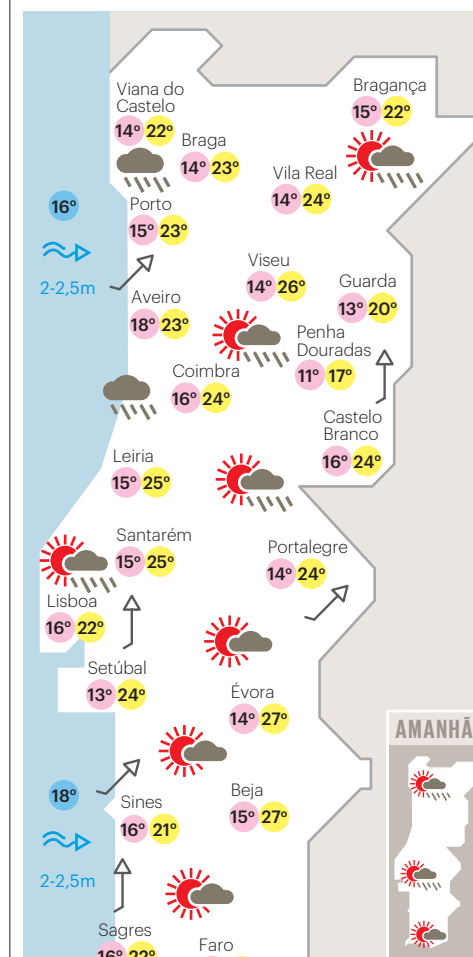
© Alastair Chisholm 2008 and www.indigopuzzles.com

## DESCUBRA AS 8 DIFERENÇAS

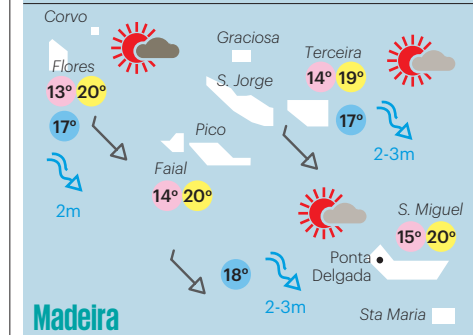


**Soluções:** O espelho; Costas do sofá da senhora; O ombro da senhora; A mesa do rádio; Costas do sofá do senhor; O canto da porta; O vidro da porta; A planta por cima da porta.

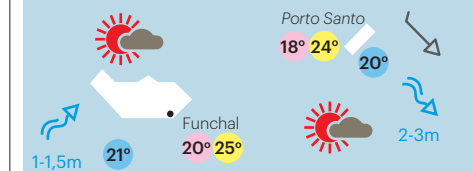
## TEMPOPARAHOJE



## Açores



## Madeira



**Sol**  
Nascente 06h16  
Poente 20h53

**Lua** Quarto Crescente  
1 Jun. 13h42

## Marés

|           | Leixões                     | Cascais                     | Faro                        |
|-----------|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Preia-mar | 17:49 ▲ 3,7<br>06:22* ▲ 3,4 | 17:26 ▲ 3,7<br>05:58* ▲ 3,4 | 17:35 ▲ 3,5<br>06:03* ▲ 3,3 |
| Baixa-mar | 11:31 ▼ 0,5<br>00:00* ▼ 0,4 | 11:06 ▼ 0,7<br>23:41 ▼ 0,6  | 10:58 ▼ 0,5<br>23:30 ▼ 0,5  |

## Estar bem

# Enfrentar a solidão na velhice

Há um mito sobre a solidão que a considera uma característica dos mais velhos. Sabemos, no entanto, que a solidão é mais sentida no grupo dos 15-24 anos, descendo nas faixas etárias seguintes e crescendo novamente nas pessoas mais velhas, sobretudo com 80 ou mais anos

**Constança Paúl**

Em 2011 havia em Portugal 406.942 famílias unifamiliares de pessoas com 65 ou mais anos (INE, 2011), ou seja, aproximadamente 20% das pessoas mais velhas viviam sós.

O conceito de solidão diferencia-se claramente do de isolamento social, que corresponde à ausência de contactos sociais, provocada por condições objectivas do contexto social e físico em que as pessoas habitam — zonas remotas ou urbanas — quando não há contactos, por ausência ou inacessibilidade de família, ou redes informais de vizinhança que prestem apoio.

O sentimento de solidão pode resultar desse isolamento social ou não decorrer dele — é completamente subjectivo. Pessoas que vivem isoladas ou sempre viveram isoladas, nomeadamente por opção pessoal, podem não sentir solidão, mesmo quando sentem falta de apoios para a manutenção da vida. Da mesma forma, o estar rodeado de gente não resolve os sentimentos de solidão, como se verifica em muitas situações de institucionalização.

A solidão acontece sempre que os indivíduos não interagem com os outros ou o fazem menos do que o que desejariam. Isto quer dizer que não há uma medida de solidão que se aplique a todos e seguramente não corresponde

ao viver só, ainda que isso possa potenciar esse sentimento.

Há um mito sobre a solidão que a considera uma característica dos mais velhos. Sabemos, no entanto, que a solidão é mais sentida no grupo dos 15-24 anos, descendo nas faixas etárias seguintes e crescendo novamente nas pessoas mais velhas, sobretudo com 80 ou mais anos (Dykstra, 2009). De facto, a solidão explica-se sobretudo por a) características sociais da rede relacional; b) o padrão e expectativas das relações da pessoa com os outros e c) a baixa auto-estima que inibe o sujeito ou retrai os outros de interagirem.

### Solidão em Portugal

Em Portugal, num estudo de 1266 pessoas com uma média de idade de 70 anos, verificou-se uma prevalência de 4,6% de pessoas que sentem sempre solidão e 11,7% de pessoas que referem a solidão como frequente. Apesar de apenas 7% das pessoas terem uma rede social pequena, e 20% viverem sozinhas, não havia coincidência entre a extensão da rede, a co-residência e o sentimento de solidão. Verificou-se que a solidão era mais frequente nas pessoas mais velhas, nas mulheres, nos viúvos, nas pessoas com menor escolaridade, nos que

viviam sozinhos, nos que tinham depressão ou défice cognitivo.

Concluindo, a solidão é uma experiência subjectiva negativa que causa sofrimento, pode resultar da perturbação psicológica ou, pelo contrário, contribuir para a diminuição da saúde física e mental.

### O que fazer para prevenir a solidão: Passa por acções diversas do indivíduo e da comunidade

#### A nível do indivíduo, há que:

**1.** Cultivar boas relações com os outros, através da aceitação e partilha empática, tolerância à diferença e procurando os aspectos positivos nos que nos rodeiam e nas suas opções, com a bonomia e a sabedoria que a aprendizagem ao longo da vida facilita.

**2.** Cuidar das redes sociais mais alargadas de vizinhos e amigos. Compensar as perdas inevitáveis entre os pares com a entrada de novas pessoas que não substituem as que partiram, mas enriquecem as relações e fortalecem a rede.

**3.** Preparar a vida pós-reforma, sem perder colegas e amigos e deixar vazios inúteis.

**4.** Não desistir nunca do espaço próprio de participação na comunidade ou abdicar da própria voz.

#### A nível da comunidade, devemos:

**1.** Criar espaços comunitários abertos, cruzados por todas as gerações, que substituam a função do “ir à fonte” e dos adros das igrejas, como espaços informais de lazer e informação, pontuados com realizações de eventos significativos, consensualizados entre os participantes.

**2.** Organizar bancos de voluntariado, abertos e flexíveis que possam enquadrar pessoas diversas, em horários distintos, com objectivos instrumentais, mas sobretudo objectivos afectivos, de troca de vivências.

**3.** Às expensas do familismo de país do Sul que nos caracteriza, não podemos disfarçar que a solidão existe e faz mal. Na marmitta assistencial há que integrar inequivocamente os afectos. O contacto humano não é, contudo, um objecto de mestria técnica, deve ser sobretudo uma experiência emocional de vidas que se cruzam e que partilham a essência das relações humanas. A afectividade é, de facto, o único antídoto da solidão.

Dykstra, P. (2009). Older Adult Loneliness: Myths and realities *Eur J Ageing*. 6(2): 91-100. doi: 10.1007/s10433-009-0110-3



Cintesis, ICBAS, Universidade do Porto

Esta rubrica é da responsabilidade do CA+ e segue o AO

## Crónica

# Desculpem, mas o melhor do amor é a rotina



Por Maria João Lopes

**S**ou especialista em fantasia e, por isso mesmo, difícil de enganar quando se trata de devaneios. Consigo ver logo se um unicórnio é fruto de uma genuína imaginação ou uma grosseira falsificação. Um nasce de dentro, o outro é impingido. De um lado, uma fantasia pura; do outro, um embuste de plástico. No amor, a relação entre a fantasia e o embuste é igual: os unicórnios existem, têm é de ser inventados por nós, não podem vir de fora.

Por isso é que tenho uma teoria, e não me importo nada que seja só minha (como nos amores, há teses que não são para dividir). A minha teoria é que só se queixa da rotina no amor quem não gosta ou quem tem pouca imaginação. Os pouco imaginativos sofrem de uma espécie de capricho das emoções, como se elas não fossem carrossel que chegue. Capricho é a palavra: é exigir mais, como numa birra de bebés, mais estímulos, como se o amor não fosse estímulo que chegue. É exigir um amor como nas publicidades da televisão, posição porque o original não excita.

Como é que a rotina pode não ser boa no amor? A rotina é o melhor do amor, e até do resto que vem com ele. Na minha teoria, essa ideia de que a rotina mata o amor foi criada para vender algumas revistas. Dicas e dicas sobre como vencer a rotina no amor. Jantares à luz das velas, viagens inesperadas. Não, na minha cabeça cheia de fantasia, o amor não é parolo: não precisa de paisagens deslumbrantes à volta, nem de jantares requintados; na minha cabeça, o amor é uma coisa delicada, é uma coisa grande feita de coisas pequenas, é uma coisa grande, como cantam os Beach Boys, que só deus sabe como seria a nossa vida sem ele; e é uma coisa pequena, de todos os dias, de pantufas e pijama.

Vencer a rotina no amor? Não, obrigada, eu quero-a. É que não faz sentido. Se é bom, quero

todos os dias. O meu capricho talvez seja esse: o de escolher apaixonar-me pelas coisas mais pequenas, pelo quotidiano, e por querer as pessoas de quem gosto nesse quotidiano. Esse é o meu capricho, mas também a minha satisfação: o de me saber apaixonar por isso, e de torcer o nariz ao resto, aos amores luminosos dos arranha-céus das publicidades.

Como num passeio a pé, as ruas não precisam de ser sempre as mesmas, mas não é preciso dar

a volta ao mundo para encontrar um espanto. No amor é o mesmo. Não me enganem com unicórnios de plástico: o amor é em si mesmo uma coisa extraordinária, e é precisamente na rotina que ele se torna ainda mais extraordinário. Não precisa de néones para nos deixar zonzos.

Eu conheço uma pessoa que está com outra há 40 anos. Ela diz-me:

– Claro que já não estou apaixonada.

Eu faço questão de não

acreditar, mas ele ouve, e riem-se os dois.

O que eu sei é que, 40 anos depois, ela ainda faz um penteado novo antes de ir esperar ao aeroporto. Era uma viagem Porto-Faro, não podia haver nada mais banal, mas o cabelo dela estava extraordinário. Ela não admite que andou ali com ganchos e secadores por causa dele. Mas eu já conheço a rotina deles de ginjeira, a mim não me enganam. Aquilo é um unicórnio verdadeiro.

ENRIC VIVES-RUBIO



*Não me enganem com unicórnios de plástico: o amor é em si mesmo uma coisa extraordinária, e é precisamente na rotina que ele se torna ainda mais extraordinário. Não precisa de néones para nos deixar zonzos*

*Penso que quando fazemos quadros eles são tanto sobre o que temos dentro de nós como sobre o que nos é exterior, que temos segredos e histórias a que queremos dar vida nos quadros.*

PAULA REGO



INÉDITO EM DVD

PAULA REGO  
HISTÓRIAS & SEGREDOS

*A minha mãe foi sempre um mistério para mim, não só como artista, também como mãe: secreta e reservada.* Nick Willing

Um dos mais extraordinários e sensíveis documentários alguma vez feito sobre uma artista e a forma singular e única como a sua grande arte e a sua vida são uma e a mesma coisa.

Um filme feliz e tocante sobre uma das mais extraordinárias mulheres e artistas portuguesas contemporâneas.

Limitado ao stock existente.

+5€  
SEGUNDA, 29 MAIO  
COM O PÚBLICO  
P

